UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE SAÚDE PÚBLICA

**Invisibilidade pública na atividade de varrição:
Uma pesquisa-intervencionista para formação de agência
transformativa no trabalho**

Bianca Gafanhão Bobadilha

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública para obtenção do título de Mestre em Ciências.

Área de concentração: Saúde Pública

Orientador: Prof. Dr. Marco Antônio Pereira Querol

São Paulo

2020

**Invisibilidade pública na atividade de varrição:
Uma pesquisa-intervencionista para formação de agência
transformativa no trabalho**

Bianca Gafanhão Bobadilha

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública para obtenção do título de Mestre em Ciências.

Área de concentração: Saúde Pública

Orientador: Prof. Dr. Marco Antônio Pereira Querol

Versão revisada

São Paulo

2020

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada à fonte.

Este trabalho é dedicado a todas as
mulheres, às que lutam e às que nem
sabem que lutam tanto!

AGRADECIMENTOS

À Deus e à Nossa Senhora por estarem sempre por perto e me darem colo quando mais preciso.

A meus pais pelo amor e dedicação à nossa família e por incentivarem os meus estudos desde pequenina comprando livros até aquela conversa no RJ. Com certeza se concluo hoje mais um estudo, é porque vocês me apoiam!

A minha irmã pelas inúmeras trocas e carinho. Obrigada por aquele bilhete que você deixou no meu quarto e conte sempre comigo!

Ao Vitor por ser meu incentivador número um e pela parceria de vida, eu te amo e que venham novas aventuras e construções! Obrigada também por ter colocado outras pessoas maravilhosas na minha vida, me sinto muito acolhida pela sua família.

Obrigada a todos os meus familiares, obrigada pela comida maravilhosa que fazem quando vou nas suas casas, obrigada por me acompanharem de pertinho, por estarem em conquistas e dificuldades minhas. Obrigada pelas trocas de vida e por eu me sentir tão amada. Fica aqui um agradecimento especial para as minhas avós Lolo e Ivone e meus tios: timame, Sininho, Heidy, Fernando, padrinho, Deia, Emerson, Luciana, obrigada desde a maternidade!

Obrigada professor Querol pela sua disponibilidade, confiança em mim e calma, sem dúvida aprendi muito com você neste processo e só tenho a te agradecer pela transformação acadêmica que tive!

Obrigada professor Rodolfo, você é o melhor professor ‘apoiador’ que existe! Obrigada pelo seu empenho e força de vontade em construir um mundo melhor, aprendi muito com você e sua humildade. Obrigada por ter feito com que o documentário saísse do papel também!

Obrigada Amanda, Jairon, Luciana, Ana, William, Sandra, Marina, Manu, Silvana, Susana pelo acolhimento que senti desde o primeiro dia. Obrigada pelas inúmeras trocas e não só acadêmicas. Com vocês dá vontade de fazer um mundo melhor e mais justo!

Obrigada as pessoas queridas que estavam lá firmes e fortes, seja pra fazer um curso, tomar uma cerveja, olhar o pôr do sol ou falar das angústias da vida: Chayenne, Nataly, Natalia, Julia, Ana, Carol, Flavia, Gean, Daniele, Larissa, Olivia. A vida fica bem mais divertida com vocês do lado! Obrigada Gean e Maria por, em nome da nossa amizade, me ajudarem a corrigir este trabalho!

Obrigada Beto, Flávio e Fernando pela construção linda que fizemos junto com as varredeiras. O documentário ficou maravilhoso e ousou dizer que foi o trabalho mais marcante

que fiz até agora. Obrigada Renata do sindicato pela disponibilidade e confiança no nosso trabalho.

Obrigada a cada uma das varredeiras que abriram não só as suas histórias, mas como suas casas e seus sonhos para nós. Obrigada por terem me proporcionado uma semana de muito trabalho, mas cheia de carinho e força!

Agradeço a todos os meus professores do ensino fundamental à pós-graduação, principalmente aqueles que me inspiram a querer conhecer mais e mais, o meu muito obrigada! Não poderia deixar de agradecer a duas professoras fantásticas que tive e que mudaram a minha trajetória acadêmica: uma me mostrou como é prazeroso trabalharmos com quem admiramos, assim vamos longe, obrigada Hanna! E a outra me mostrou o que me é mais caro hoje em dia: a invisibilidade pública, obrigada Jaque! Vocês mudaram minha vida!

Agradeço a todos os técnicos da Faculdade de Saúde Pública e do Instituto de Psicologia, ambos da USP. Obrigada pela prontidão e por estarem nos bastidores para que a universidade pudesse funcionar! Um agradecimento especial à Carolina da secretaria da pós-graduação que muito me ajudou neste percurso.

Agradeço aos professores da banca por ter aceitado o convite, cada um me inspira na nossa trajetória! Obrigada pelas contribuições passadas e as que virão: Sandra, José Roberto, Rodolfo, Amanda, Silvana, Frida e Manoela.

Agradeço às agências de pesquisa FAPESP e CNPq que financiaram este estudo, tornando-o possível.

BOBADILHA, B. G. **Invisibilidade pública na atividade de varrição:** Uma pesquisa-intervencionista para formação de agência transformativa no trabalho. [Dissertação de Mestrado] Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

RESUMO

Inúmeros são os desafios a que os trabalhadores estão sujeitos, em especial aqueles que têm de lidar com o lixo – fonte de exclusão social. Diversos estudos salientam os acidentes de trabalho e os impactos psicossociais a que estes trabalhadores estão expostos, porém Fernando da Braga Costa, inaugura ao definir um termo para o sofrimento psicossocial e político destes trabalhadores: a *invisibilidade pública*. Devido à inovação e à leitura teórica sobre este fenômeno, há a escassez de estudos intervencionistas. Deste modo, buscou-se compreender como pode ser promovida a agência transformativa e como esta se manifesta discursivamente durante uma intervenção formativa conduzida na atividade de varrição no interior de São Paulo. Para tanto, optou-se neste estudo pela metodologia do Laboratório de Mudança como pesquisa-intervenção, sendo esta baseada na Teoria da Atividade e promovendo de forma sistemática a participação dos trabalhadores na transformação da sua atividade de trabalho. Como forma de alcançar estes objetivos, observou-se os discursos produzidos a partir das transcrições das sessões do Laboratório de Mudança entre 2017 e 2018. Os dados foram analisados a partir da análise de conteúdo e análise de discurso sustentada pelo Método de Interpretação dos Sentidos. Dentre as contribuições do estudo, está a referente ao método de análise da manifestação do fenômeno invisibilidade pública, que pôde ser verificada através das construções linguísticas expressas nos discursos. Outra contribuição do estudo foi quanto às principais dificuldades identificadas pelas varredeiras: em sua maioria estão relacionadas ao trabalho na rua, à forte hierarquia na empresa e à falta de conscientização da população sobre a atividade de varrição e o descarte correto dos resíduos. Após as análises, constatou-se que houve formação de agência transformativa com proposição de inovações mais ou menos expansivas em relação a atuação das varredeiras nestas ações, a depender das ferramentas utilizadas pelos mediadores, sendo que as inovações mais expansivas utilizaram ferramentas de discussão e análises sistêmicas. Pôde-se perceber também que as dificuldades elencadas pelas varredeiras estavam relacionadas ao fenômeno da invisibilidade pública, de modo que, apesar de ser proporcionado a elas a formação de agência transformativa e um lugar de sujeito, esta não foi muito adiante pela empresa, de modo que buscou-se então outra possibilidade: a produção de um documentário em que as varredeiras participaram ativamente de sua construção. Estudos futuros são

necessários para compreender como foi esta construção da narrativa das varredeiras e de que forma isto pode impactar o seu dia a dia e reconhecimento.

Palavras-chave: Saúde do Trabalhador; Invisibilidade pública; Agência transformativa; Teoria da Atividade; Laboratório de Mudança.

BOBADILHA, B. G. Public invisibility in sweeping activity: An interventionist-research for the formation of a transformative agency at work. [Dissertation] College of Public Health, University of São Paulo, São Paulo, 2020.

ABSTRACT

There are countless challenges to which workers are subjected, especially those who have to deal with waste - a source of social exclusion. Several studies highlight work accidents and the psychosocial impacts to which these workers are exposed, however Fernando da Braga Costa, inaugurates by defining a term for the psychosocial and political suffering of these workers: public invisibility. Due to innovation and theoretical reading about this phenomenon, there is a shortage of interventionist studies. Thus, we sought to understand how the transformative agency can be promoted and how it manifests itself discursively during a formative intervention conducted in the activity of variation in the interior of São Paulo. Therefore, in this study, we chose the methodology of the Change Laboratory as research-intervention, which is based on the Theory of Activity and systematically promoting the participation of workers in the transformation of their work activity. As a way to achieve these objectives, the speeches produced from the transcripts of the Change Laboratory sessions between 2017 and 2018 were observed. The data were analyzed from the content analysis and discourse analysis supported by the Method of Interpretation of the Senses. Among the contributions of the study, it is related to the method of analysis of the manifestation of the phenomenon of public invisibility, which could be verified through the linguistic constructions expressed in the speeches. Another contribution of the study was regarding the main difficulties identified by sweepers: most of them are related to work on the street, the strong hierarchy in the company and the lack of awareness of the population about sweeping activity and the correct disposal of waste. After the analyzes, it was found that there was a formation of a transformative agency with the proposition of more or less expansive innovations in relation to the performance of the sweepers in these actions, depending on the tools used by the mediators, and the most expansive innovations used discussion and analysis tools. systemic. It was also possible to notice that the difficulties listed by the sweepers were related to the phenomenon of public invisibility, so that, although they were provided with the formation of a transformative agency and a place of subject, this was not very relevant by the company, so then another possibility was sought: the production of a documentary in which sweepers actively participated in its construction. Future studies are needed to understand how this sweeper narrative was constructed and how it can impact your daily life and recognition.

Palavras-chave: Occupational health; Public invisibility; Transformative agency; Activity Theory; Change Laboratory.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
	1.1 O ESTUDO	18
	1.1.1 Objetivo e Questões de Pesquisa	19
	1.1.2 Descrição da Dissertação	19
2	REFERENCIAL TEÓRICO	20
	2.1 O CARÁTER ONTOLÓGICO DO TRABALHO	20
	2.2 TEORIA DA ATIVIDADE	20
	2.3 LABORATÓRIO DE MUDANÇA	24
	2.4 AGÊNCIA TRANSFORMATIVA	26
3	OBJETIVOS	29
	3.1 GERAL	29
	3.2 ESPECÍFICOS	29
4	MÉTODOS	30
	4.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	30
	4.1.1 O Setor de Varrição	32
	4.1.2 Sessões do Laboratório de Mudança	34
	4.2 CONSTRUÇÃO DAS NARRATIVAS A PARTIR DOS DADOS DISCURSIVOS	35
	4.2.1 Análise de Conteúdo	36
	4.2.2 Análise de Discurso	38
	4.2.3 Identificação e categorização das falas agentivas	38
	4.2.4 Identificação e categorização das falas relacionadas à invisibilidade pública	40
	4.3 MÉTODOS DE ANÁLISE	41
	4.3.1 Análise sobre a formação de agência transformativa	42

4.3.2	Análise sobre manifestações de invisibilidade pública	42
4.4	ASPECTOS ÉTICOS	43
5	RESULTADOS E DISCUSSÃO	44
5.1	ARTIGO - FORMAÇÃO DE AGÊNCIA TRANSFORMATIVA DURANTE UMA INTERVENÇÃO NA ATIVIDADE DE VARRIÇÃO	45
5.2	MANIFESTAÇÕES DE INVISIBILIDADE PÚBLICA	64
6	CONCLUSÃO	72
7	REFERÊNCIAS	75
ANEXOS		
Anexo A: APROVAÇÃO DO PROJETO DE PESQUISA NO COMITÊ DE ÉTICA		80
Anexo B: CARTA DE ANUÊNCIA DO SINDICATO		82
CURRÍCULO LATTES		
Currículo Lattes – PROF. MARCO ANTONIO PEREIRA QUEROL (orientador)		83
Currículo Lattes – BIANCA GAFANHÃO BOBADILHA		84

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Modelo básico de mediação proposto por Vygotsky	21
Figura 2 – Modelo do SA proposto por Engeström	21
Figura 3 – Modelo do ciclo de aprendizagem expansiva	23

SIGLAS UTILIZADAS

CEREST – Centro de Referência em Saúde do Trabalhador

FSP – USP – Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo

LM – Laboratório de Mudança

MPT – Ministério Público do Trabalho

SA – Sistema de Atividade

1. INTRODUÇÃO

Atualmente os desafios encontrados pelos trabalhadores são inúmeros, dentre eles estão, por exemplo, os processos de globalização e de reestruturação produtiva que contribuíram na escalada da precarização do trabalho, difundindo insegurança e incerteza, além de aumentar o medo do desemprego e a dificuldade de se posicionar frente à organização do trabalho imposta (SELIGMANN-SILVA, 2011).

Diante de um cenário cada vez mais competitivo e excludente, aliado à pouca ou nenhuma qualificação profissional, a busca pelo trabalho de limpeza urbana está, por vezes, associada à dificuldade de conseguir emprego e ao medo de não poder assegurar a subsistência da família (LOPES et al., 2012). Os trabalhadores de limpeza urbana estão sujeitos a uma lógica de instabilidade e mudanças organizacionais e empregatícias, como a terceirização, que aumenta a apreensão e o desconforto na realização desta atividade (GOMES e OLIVEIRA, 2013).

A predominante terceirização neste setor pode ser considerada mais um agravante de sua precarização, já que essa é “uma forma de contrato que fragiliza os trabalhadores do ponto de vista econômico, social, político e emocional” (PADILHA, 2014, p. 343).

Devido a este modo específico de inserção no mercado de trabalho, estes trabalhadores estão submetidos a diversas vulnerabilidades, sejam elas de natureza física, psicológica ou social (COSTA, 2004; GEMMA et al., 2017; LOPES et al., 2012; PADILHA, 2014). Comumente os trabalhadores do setor de limpeza urbana exercem suas atividades de trabalho com a presença de dor e esta é agravada para aqueles com maior demanda psicossocial (PATARO e FERNANDES, 2014). Há também más condições de trabalho que causam acidentes de trabalho, como dores osteomusculares e intoxicação pelo recolhimento de dejetos (LOPES et al., 2012).

Descrevendo as implicações desta atividade, Padilha (2011) salienta que a atividade das trabalhadoras do setor de limpeza não pode ser considerada *trabalho decente* que, segundo a definição da OIT, é “um trabalho produtivo, adequadamente remunerado, exercido em condições de liberdade, equidade e segurança, e que seja capaz de garantir uma vida digna” (OIT, 2006, p.17).

Além disso, estes trabalhadores estão submetidos ao marcante preconceito social, uma vez que são referenciados pela sociedade como *pessoal do lixo* (LOPES et al., 2012; PADILHA, 2014). Os sentimentos em relação a como são tratados pela sociedade envolvem exclusão social

e rebaixamento: estudos mostram que trabalhadores sentem que são tratados como se fossem escravos pelos clientes ou como se fossem lixo (COSTA, 2004; PADILHA, 2014). Padilha (2014, p. 336) salienta o estigma de se trabalhar com o lixo – fonte de mais uma exclusão social, trazendo o excerto de uma entrevista: “Talvez elas [pessoas] pensem que, como eu lido com sujeira, eu sou suja também”.

Costa (2004) vivenciou esses sentimentos, ao realizar uma pesquisa etnográfica na qual desempenhou a função de gari. O pesquisador observou que os trabalhadores da limpeza estão submetidos a um fenômeno psicossocial e político característico das sociedades capitalistas: a *invisibilidade pública*. Esse fenômeno pode ser caracterizado pelo “desaparecimento intersubjetivo de um homem no meio de outros homens”, marcado pela *reificação* e *humilhação social* (COSTA, 2004, p. 57).

Para a teoria marxista, o processo de reificação aparece quando, nas sociedades capitalistas, todo o trabalho é reconhecido pelo seu valor de troca, ou seja, exclusivamente pelo seu valor como mercadoria, excluindo as relações sociais, políticas, estéticas, éticas e religiosas das atividades. Deste modo, as relações que são estabelecidas no interior da sociedade passam a ser relações entre coisas-mercadorias e não mais entre homens-sujeitos (COSTA, 2004).

O conceito de humilhação social desenvolvido por José Moura Gonçalves Filho (1998), abarca a complexidade deste como sendo um fenômeno social e psíquico, uma vez que ele é, ao mesmo tempo, expressão histórica e social e atinge o próprio sujeito.

A humilhação crônica, longamente sofrida pelos pobres e seus ancestrais, é efeito da desigualdade política, indica a exclusão recorrente de uma classe inteira de homens para fora do âmbito intersubjetivo da iniciativa e da palavra. Mas é também de dentro que, no humilhado, a humilhação vem atacar. A humilhação vale como uma modalidade de angústia e, nesta medida, assume internamente – como um impulso mórbido – o corpo, o gesto, a imaginação e a voz do humilhado (GONÇALVES FILHO, 1998, p. 2).

A humilhação social é entendida como sendo um fenômeno externo-interno. Ao basear-se na formulação da psicodinâmica de Freud e na mercantilização das relações sociais de Marx, estes autores entendem a constituição do ser humano não como um fato natural, mas histórico e intersubjetivo (GONÇALVES FILHO, 1998).

Em consonância com estes estudos, Carreteiro intitula de *lógica da invisibilidade do sofrimento* este processo de *silenciamento dos afetos*, o qual incide sobre os sujeitos acometidos pelas injustiças sociais, sujeitos de “categorias mais subalternizadas” (CARRETEIRO, 2003, p. 60). Este silenciamento ocasiona marcas no psiquismo (CARRETEIRO, 2003).

Portanto, a invisibilidade pública assume em cada sujeito formas singulares, porém, por ser um fenômeno social também abrange diversas manifestações de um sofrimento político –

humilhação social, violência material e simbólica (COSTA, 2004). Deste modo, enquanto sofrimento político, deve ser desafiado pela via política segundo os autores, mas não somente por ela, uma vez que são sofrimentos e há um componente psicológico (COSTA, 2004).

1.1 O ESTUDO

Diante destas vulnerabilidades e do crescente número de acidentes ocorridos em uma empresa do setor de limpeza pública no interior de São Paulo, Técnicos da Saúde e Segurança do Trabalho (SST) do respectivo Centro de Referência em Saúde do Trabalhador (CEREST) demandaram um estudo ao grupo de pesquisa coordenado pelo Professor Dr. Rodolfo Vilela.

De acordo com a demanda apresentada e alinhado ao *Projeto Temático Acidente de trabalho: da análise sociotécnica à construção social de mudanças* (Processo FAPESP 2012/04721-1), foi realizado uma pesquisa-intervenção pautada no Laboratório de Mudança, desenvolvido por Engeström (1987).

O advento das pesquisas-intervencionistas vem a partir dos questionamentos sobre o lugar da ciência: para Lewin, ela deveria ser aproveitada em benefício para a sociedade. Neste sentido, as pesquisas baseadas na intervenção têm a possibilidade de favorecer mudanças de forma sistemática e com rigor metodológico, o que contradiz os estudos baseados na observação de até então (MIDGLEY, 2000). Deste modo, este estudo propõe não só a observação do fenômeno da invisibilidade pública como os estudos anteriores, mas também uma intervenção na realidade em que ela ocorre, a fim de promover a agência transformativa das varredeiras.

A escolha do grupo por esta metodologia se deve ao fato de ela promover uma compreensão e transformação da atividade de varrição a partir de análises sistemáticas. Nesta abordagem, os pesquisadores utilizam conjuntamente com os trabalhadores ferramentas para conceber, projetar e testar novas formas de trabalho, favorecendo o empoderamento dos trabalhadores (VIRKKUNEN e NEWNHAM, 2015).

Ao propor esta metodologia em que os trabalhadores participam ativamente da construção e desenvolvimento da sua atividade de trabalho, é levantada a hipótese de que pode haver um tensionamento na manifestação da invisibilidade pública, de modo que a agência favorecida neste tipo de intervenção interfira na manifestação da invisibilidade pública.

Entendendo, deste modo, a complexidade das vulnerabilidades a que os trabalhadores estão expostos e apostando no desenvolvimento de agência transformativa proposto pela metodologia do Laboratório de Mudança (LM), este estudo pretende compreender como a

promoção de *agência transformativa* interfere na *invisibilidade pública* de varredeiras do interior de São Paulo.

Para tanto, será identificado se houve formação de agência transformativa durante as sessões do LM e quais ferramentas favoreceram ou inibiram a formulação de inovações mais expansivas e será analisado a invisibilidade pública a partir dos discursos produzidos pelos participantes durante as sessões do LM.

1.1.1 Objetivo e Questões de Pesquisa

Este estudo tem como objetivo compreender como a promoção de agência transformativa pode ser promovida e como se manifesta discursivamente durante uma intervenção formativa conduzida na atividade de variação no interior de São Paulo. Esse objetivo se declina em três perguntas de pesquisa, divididas nos itens a e b:

- a. Houve formação de agência transformativa durante as sessões do LM? Se houve formação de agência transformativa, quais ferramentas favoreceram ou inibiram a formulação de inovações mais expansivas, tendo em vista a ação das varredeiras?
- b. Como pode ser descrita a invisibilidade pública a partir dos discursos produzidos pelos participantes durante as sessões do LM?

1.1.2 Descrição da Dissertação

O referencial teórico que embasa este estudo será apresentado no capítulo 2, dando seguimento aos objetivos no capítulo 3. No capítulo 4 serão apresentados os métodos, com caracterização da pesquisa, procedimentos metodológicos e aspectos éticos. O capítulo 5 apresenta os resultados e discussão dos achados, dividindo-se em dois subcapítulos: o primeiro referente à identificação da formação de agência transformativa e análise de quais ferramentas favoreceram ou inibiram a formulação de inovações mais expansivas e o segundo referente à análise da manifestação de invisibilidade pública a partir dos discursos, ambos baseados nos dados produzidos durante as sessões do LM. Por fim, no último capítulo serão apresentadas as conclusões, com as limitações e contribuições do estudo.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O CARÁTER ONTOLÓGICO DO TRABALHO

O trabalho assume caráter central nas sociedades capitalistas, uma vez que é por meio dele que se estruturam atividades de consumo, diversão, educação (ANTUNES, 1999). O trabalho mostra-se como elemento essencial na formação do sujeito, indispensável para a sua formação social e psíquica, uma vez que “o ato de produzir permite um reconhecimento de si próprio como alguém que existe e tem importância para a existência do outro, transformando o trabalho em um meio para a estruturação psíquica do homem” (MENDES e MORRONE, 2002, p. 27).

Ao trabalhar a pessoa assume um papel social específico e este se reflete na sua subjetividade, na sua identidade e no sentimento de pertencimento à sociedade, além de ser a garantia de subsistência do indivíduo (MENDES e MORRONE, 2002; SELIGMANN-SILVA, 2011).

Diversas linhas teóricas buscam compreender os fenômenos relacionados ao trabalho. Dentre elas, adotou-se neste estudo o enfoque materialista histórico-dialético, no qual o trabalho – uma atividade voltada para um fim – tem valor ontológico, ou seja, é por meio e através do trabalho que o homem se humaniza:

O trabalho tem valor ontológico, ou seja, é condição fundamental para o desenvolvimento e para o entendimento do ser. Na medida em que pelo trabalho os homens se relacionam, constroem e complexificam formas de organização das relações sociais de produção.[...] Compreender o homem e – nele e com ele – a humanidade implica conhecer e compreender as formas de organização humana através das relações de trabalho e produção, compreendidas como relações sociais, de intercâmbio, não apenas de produtos ou bens materiais, mas também, de valores, crenças, modos de comportamento etc., numa expressão, artefatos simbólicos (POLI, 2007, p. 61).

Sendo elemento de criação do humano, é por meio do trabalho que se expressam as relações sociais, “por elas, a divisão social do trabalho e as formas de organização da produção que, ao longo da história, produziram diferenças sociais significativas. Tais diferenças marcam os territórios sociais, os lugares sociais onde se inserem os sujeitos humanos e a partir dos quais dialogam com o mundo” (POLI, 2007, p. 75). Isto é, na medida em que o trabalho organiza todas as relações sociais, há um lugar social específico para cada categoria de trabalhador, que por sua vez, constituirá também a subjetividade dos mesmos.

A partir desta divisão do trabalho, a classe dominante consegue exercer a dominação sobre a proletária, não ficando restrita somente a produção material: “esta dominação se expressa nas formas de segmentação da sociedade, seja pela divisão social do trabalho ou pela

sua divisão industrial” (CAETANO, 2009, p. 10). A divisão acarreta em não somente a repartição do trabalho, mas também a distribuição da produção quantitativa e qualitativamente diferentes, emergindo diferenças, conflitos e intensificação dos lugares sociais específicos para os trabalhadores.

A separação entre proprietários e não-proprietários proposta pela divisão social do trabalho se estrutura efetivamente a partir da divisão entre trabalho material e intelectual (ENDLICH, 1997), relegando ao primeiro o caráter de subalterno ao segundo.

Segundo Leontiev (1981), a divisão social do trabalho e, conseqüentemente, a de trabalho material e imaterial, transforma as relações humanas sendo cada vez mais puramente relação entre ‘coisas-mercadorias’ que são separadas (alienadas) do próprio homem. Esta intensa fragmentação do processo de trabalho, leva os trabalhadores a utilizar somente uma parte de suas capacidades criativas, de modo a ocasionar “distorções no desenvolvimento e na expressividade física e espiritual do operário” (IANNI e FERNANDES, 1982, p. 16).

Também como consequência desta alienação, o conteúdo objetivo da atividade passa a ser discrepante do conteúdo subjetivo desta para os trabalhadores, de modo a impactar sua consciência, ou seja, há uma discrepância entre o que é produzido objetivamente pelos trabalhadores do que é produzido subjetivamente (LEONTIEV, 1981).

A consciência é entendida por Leontiev como algo que se desenvolve de um modo sócio-histórico, portanto não imutável. Ela emerge como consequência das relações humanas que o homem produz e para compreendê-la é necessário recorrer a estas relações (Leontiev, 1981).

Vygotsky propõe que “a consciência é processo e produto, passível de análises semióticas concretas e também em termos de interações sistêmicas cerebrais”, sendo que a consciência é sempre socialmente mediada por algo (TOASSA, 2006). A mediação tem a ver com a história da atividade que exercem, uma vez que a atividade humana tem a sua estrutura baseada nas condições sociais e nas relações estabelecidas entre as pessoas que fazem parte desta atividade (LEONTIEV, 1981 p. 231 e 247).

A atividade tem tanto característica subjetiva quanto objetiva, material; portanto, na atividade, “os homens estabelecem entre eles uma rede de relações sociais que condicionam, por sua vez, suas formas de subjetividade” (BERNARDES e BEATON, 2017, p. 31).

Segundo Toassa (2004, p. 72), em Vygotsky, o ser humano tem papel ativo na modificação das circunstâncias que implicam sua conduta, criando novas soluções, uma vez

que “não é a realidade que simplesmente ‘se reflete’ na consciência, mas também o indivíduo que a reflete ativamente, produzindo, no conceito, uma nova versão da realidade”.

Essa realidade produzida pelos sujeitos possibilita ressignificações, desde que dentro dos significados disponíveis pela sua classe: “a atividade consciente é um processo de recriação dos significados convencionais à sua classe” (TOASSA, 2004, p. 10). Ou seja, a atividade que os sujeitos exercem influência na sua tomada de consciência na medida em que estrutura as relações sociais e os lugares sociais que ocupam.

Ao compreender que as varredoiras (sujeitos) estão num Sistema de Atividade (SA) – da limpeza de ruas e avenidas – composto pelos demais elementos (instrumentos, objeto, comunidade, regras e divisão do trabalho) (ENGSTRÖM, 1987), salienta-se as condições de produção e reprodução que condicionam a subjetividade, uma vez que os sujeitos relacionam-se de uma forma mediada pelas relações que estabelecem com os objetos:

A única forma de superar a especulação na consideração da relação sujeito-objeto consiste em encontrar os fundamentos objetivos da atividade do sujeito, quer dizer, em revelar os elementos materiais que condicionam a subjetividade e suas formas de manifestar-se (BERNARDES e BEATON, 2017, p. 25).

Se por um lado as relações sociais são estabelecidas a partir da divisão social do trabalho, e essas influenciam diretamente a subjetividade dos sujeitos, como pensar, então, intervenções que busquem transformar o objeto? As intervenções relacionais que buscam fortalecer a agência transformativa destas trabalhadoras modificando, desta forma, sua atividade podem ser uma hipótese.

Para isto, lançaremos mão dos pressupostos da Teoria da Atividade e do Laboratório de Mudança que têm como prerrogativa a intervenção centrada no fortalecimento da agência transformativa dos trabalhadores.

2.2 TEORIA DA ATIVIDADE COMO FERRAMENTA PARA PENSAR A ATIVIDADE DE VARRIÇÃO

A partir de estudos sobre o desenvolvimento humano e baseado no materialismo histórico-dialético, Vygotsky (1978) propôs que toda ação humana é mediada por artefatos culturais, sendo estes de caráter material ou imaterial (FIGURA 1).

O modelo básico de mediação proposto por Vygotsky

Figura 1. O modelo básico de mediação proposto por Vygotsky. Fonte: Vygotsky (1978, p. 40).

Leontiev (1981), por sua vez, superou a unidade de análise de uma ação individual proposta por Vygotsky para uma atividade coletiva (ENGESTRÖM, 2001), sendo que a atividade é um conjunto de ações sempre orientada a um objeto (LEONTIV, 1981). Para esta corrente, o objeto está sempre relacionado a uma necessidade humana.

Engeström (1987) expande graficamente esta compreensão, adicionando novos elementos que vão sustentar o Sistema de Atividade (SA), sendo para este autor a unidade básica de análise da atividade (FIGURA 2).

O modelo do sistema de atividade

Figura 2. O modelo do sistema de atividade. Fonte: Engeström (1987, p. 78).

Nesta perspectiva, o sujeito pode ser uma pessoa ou subgrupo de pessoas com suas perspectivas que embasam a análise do SA. Por objeto compreende-se o significado, o motivo e finalidade de um SA, é aquilo que é transformado por um SA, sendo este aberto a inúmeras e parciais interpretações e situado histórica e contraditoriamente de acordo com a produção da atividade. As ferramentas podem ser definidas como todos os instrumentos mediadores da ação dos sujeitos sobre os objetos, sendo eles de forma material ou imaterial. Por comunidade compreende-se todos as pessoas ou subgrupos que estão relacionados de alguma forma com o objeto da atividade em questão. Os regulamentos, normas e convenções relacionadas ao contexto da atividade são as regras, podendo ser explícitas ou implícitas. E, por fim, a divisão de trabalho é compreendida pela divisão de tarefas entre os sujeitos, as configurações das relações hierárquicas, os fluxos de poder e submissão pertinentes ao grupo, além dos conflitos, manifestações de resistência, de status e outros (QUEROL et al., 2011).

A partir do SA, Engeström elabora uma teoria do desenvolvimento de contrações no e entre os SAs. As contradições primárias são inerentes à forma capitalista e estão localizadas dentro dos próprios elementos do SA. Segundo Marx, elas ocorrem devido a diferença entre valor de uso e valor de troca, ou seja, o produto do trabalho é reconhecido como uma mercadoria que tem em si um valor intrínseco contraditório, simultaneamente valor de uso e valor de troca (ENGESTRÖM, 1987).

As contradições secundárias aparecem entre os elementos do SA, não sendo mais possível aos sujeitos continuar a realização da atividade do mesmo modo. Estes buscam uma nova solução, tecnologia ou expansão do objeto (ENGESTRÖM, 1987). Com a implantação da nova solução, tecnologia ou novo objeto, surgem as contradições terciárias, ou seja, surgem desajustes entre elementos da atividade mais expandida e elementos da atividade prévia, sendo que os distúrbios podem ser causados pelo desenvolvimento insuficiente ou assíncrono dos novos elementos (ENGESTRÖM, 1987). Com a implementação do novo conceito da nova atividade podem surgir outros desajustes, considerados então contradições quaternárias, uma vez que a nova atividade começa a colidir com as atividades paralelas que ainda seguem a lógica de produção antiga (QUEROL et al., 2011).

2.3 LABORATÓRIO DE MUDANÇA

Partindo do pressuposto que “o ser humano desenvolve suas potencialidades em relação com outros homens, num processo de interação e reprodução constantes e, no momento da apropriação das objetivações, constrói sua subjetividade” (BERNARDES e BEATON, 2017, p. 91), há a necessidade de buscar intervenções que propiciem esta interação entre pesquisadores e trabalhadores, a fim de que considerem o conhecimento destes e que propiciem novas ferramentas para mediar a relação sujeito-objeto, como o Laboratório de Mudança.

O Laboratório de Mudança (LM) foi desenvolvido na Finlândia a partir dos anos 1990, partindo dos pressupostos da Teoria da Atividade. É uma metodologia de pesquisa de intervenção formativa que visa mudar a organização do trabalho por meio do protagonismo dos trabalhadores (ENGESTRÖM, 1996; QUEROL et al., 2011). Tem sido implantada em vários países, principalmente em países desenvolvidos, em diferentes contextos culturais e ramos de atividade (QUEROL et al., 2011, VIRKKUNEN e NEWNHAM, 2015; VILELA et al., 2020).

Todo o processo do LM utiliza o método da dupla estimulação proposto por Vygotsky, com o propósito de que seja propiciado aos participantes tanto a aprendizagem quanto o

protagonismo. (ENGESTRÖM, 2007; VIRKKUNEN e NEWNHAM, 2015). Este método consiste na apresentação de uma tarefa ou problema a ser resolvido que sensibilize os participantes, sendo este chamado de 1º estímulo. Para solucionar a tarefa ou problema, é apresentado o segundo estímulo: um artefato neutro que será usado para mediar a relação sujeito-objeto, tornando-se instrumento no processo de apropriação e de uso do referido artefato (VYGOTSKY, 1978; VILELA et al., 2020).

Além do método de dupla estimulação, o LM utiliza-se do conceito de zona de desenvolvimento proximal para pensar a escolha de estímulos e planejar as sessões. Este conceito consiste em pensar um desenvolvimento em potencial, tanto de forma individual quanto coletiva. Ao propor trocas que estejam dentro da zona de desenvolvimento proximal dos sujeitos, “as pessoas se tornam mais independentes do contexto imediato e abrem novas possibilidades de futuro para o desenvolvimento, tornando-se agentes proativos” (QUEROL et al., 2014, p. 411).

Para a implementação do LM, foi desenvolvido o ciclo de aprendizagem expansiva (FIGURA 3). O ciclo inicia-se na identificação dos problemas da atividade presente, depois há o questionamento e a análise histórica e atual das contradições existentes no SA. Após as análises, é criado um novo modelo com propostas de solução para equacionar as contradições identificadas. Este modelo será testado, examinado e implementado nas etapas seguintes e, posteriormente, será realizada uma reflexão sobre o processo, consolidação e generalização da nova prática (HILL et al., 2007; QUEROL et al., 2014).

Figura 3. O modelo de ciclo de aprendizagem expansiva
Engeström, 1999, p. 384

A fim de atingir o ciclo de aprendizagem expansiva, são planejados e organizados de 8 a 12 encontros semanais com duração média de 2 horas e com uma média de 20 participantes, no máximo.

Inicialmente é realizada a coleta de dados etnográficos para levantamento das hipóteses de contradições e planejamento das reuniões semanais, também chamadas de sessões. Estes dados serão utilizados nas estratégias de questionamentos e auto confrontação para estimular a discussão entre os participantes (ENGESTRÖM, 2007).

Os trabalhadores, ao pensarem soluções e solucionarem os distúrbios identificados na organização do trabalho, começam a governar a situação por meio da apropriação e impregnação de novos sentidos aos mediadores ofertados pelos intervencionistas ou por eles próprios, de modo a transformar o objeto.

Desta forma, o LM estrutura de forma sistemática os conceitos e assegura um ambiente propício ao aprendizado e ao desenvolvimento da agência, tornando a implementação das mudanças mais fácil (CASSANDRE e QUEROL, 2014).

2.4 AGÊNCIA TRANSFORMATIVA

A metodologia do LM propõe que se valorize a produção de conhecimento dos trabalhadores, ao identificar neles um papel fundamental para a transformação de sua atividade, de modo que se “favoreça o surgimento de novos atores no processo de pesquisa e que, por sua vez, sejam, corresponsáveis na condução e na construção do conhecimento coletivo” (CASSANDRE e QUEROL, 2014, p. 20). Deste modo, o intervencionista faz parte deste processo, como um mediador, mas não é o seu condutor único (HATCHUEL, 2000; CASSANDRE e QUEROL, 2014).

Por se tratar de uma pesquisa intervencionista formativa, a intervenção proposta pelo LM deve ser centrada no fortalecimento de agência dos trabalhadores (ENGESTRÖM, 2011). Ahearn (2001) descreve a complexidade de se conceituar o termo agência. Para alguns autores, a agência é entendida como “vontade própria”; para outros como “resistência” – nos estudos feministas agência é entendida como resistência ao patriarcado – ou então há estudos que se referem à falta de agência, como os de Foucault (AHERN, 2001). Porém, dentre os apontamentos que faz, Ahearn (2001) utiliza-se dos estudos de Desjarlais para salientar que a agência deve ser compreendida como algo que surge a partir das dinâmicas sociais, culturais e políticas de um tempo e lugar definidos.

Diante desta abrangência de conceituações, optamos por compreender a agência como uma habilidade de agir intencionalmente e que pode ser visualizada em ações propositais que

têm consequência, sendo estas ações moldadas pelas estruturas sociais que as reforçam ou reconfiguram (GIDDENS, 1984; AHEARN, 2001).

Porém, a fim de proporcionar a aprendizagem expansiva, é fomentado no LM um tipo de agência específico: a agência transformativa. Está é entendida como a capacidade de construir e transformar a atividade e requer não só habilidades individuais, mas também acesso a ferramentas e conceitos para uso coletivo na transformação da atividade (SANNINO et al., 2016; VILELA et al., 2020). É necessário, portanto, que se tenha a iniciativa de transformar a atividade, através de ferramentas e conceitos que serão ofertados aos atores (SANNINO et al., 2016).

Ao fomentar a agência transformativa, os trabalhadores produzem novos significados sociais e sentidos subjetivos que serão responsáveis pelo desenvolvimento e mudança na atividade, uma vez que a ação e as interações sociais do sujeito com o meio social e a cultura promovem o desenvolvimento das pessoas e da respectiva atividade:

Pela atividade, o homem revela a sua possibilidade de produzir os significados sociais e os sentidos subjetivos. Essa perspectiva, ao ser sensível ao sujeito e ao seu desenvolvimento na ação, privilegia o desenvolvimento da própria atividade, a aprendizagem na ação e também um olhar contínuo sobre a mudança (CASSANDRE e QUEROL, 2014, p. 22).

Segundo Engeström (2011) há 5 formas de agência transformativa que ocorrem durante o Laboratório de Mudança, após releitura, Virkkunen e Newnham (2015) adicionam uma sexta. A primeira delas é comum aos autores é a *resistência ao interventor ou à gerência*, que pode ser observada na forma de críticas, perguntas, oposições ou rejeições. Esta agência é importante na medida em que os participantes sentem que podem expor seus questionamentos sem que hajam represálias, tornando-a um potencial positivo nas mudanças cognitivas.

O segundo tipo de resistência observado por Virkkunen e Newnham (2015) é a *sugestão de uma tarefa a ser realizada ou de um objeto de discussão no Laboratório de Mudança*, que diz respeito ao protagonismo e iniciativa que os participantes podem exercer durante as sessões do LM.

A explicitação do novo potencial da atividade é outro modo de agência descrito tanto por Engeström (2011) quanto por Virkkunen e Newnham (2015). Uma das manifestações possíveis é a partir de relatos de experiências passadas que evidenciam um “potencial da atividade ainda não reconhecido, ou, mais geralmente, de uma caracterização do objeto problemático como fonte de novas possibilidades e desafios emocionantes” (ENGESTRÖM, 2011, p. 624).

Outra manifestação de agência é a antecipação de novos padrões ou modelos de atividade, que é vista a partir de “sugestões preliminares parciais e apresentação e análise de modelos abrangentes para o futuro” (VIRKKUNEN e NEWNHAM, 2015, p. 375). Nesta modalidade de agência, há a conceituação e expansão do objeto do SA.

Por último, há agências relacionadas às ações. Uma é o compromisso com ações concretas destinadas a mudar a atividade, que pode ser observada através de atos de fala (ENGESTRÖM, 2011). E a outra refere-se à realização de ações consequentes para mudar a atividade (ENGESTRÖM, 2011).

3. OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL

Compreender como a promoção de agência transformativa pode ser promovida e como se manifesta discursivamente durante uma intervenção formativa conduzida na atividade de variação no interior de São Paulo.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Identificar se houve formação de agência transformativa durante o LM e quais ferramentas favoreceram ou inibiram a formulação de inovações mais expansivas tendo em vista a participação das varredeiras.

Analisar a invisibilidade pública a partir dos discursos produzidos pelos participantes durante o LM.

4. MÉTODOS

4.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Este estudo está inserido numa pesquisa de intervenção formativa de abordagem qualitativa, integrando o projeto temático *Acidente de trabalho: da análise sociotécnica à construção social de mudanças*, o qual é subsidiado pela FAPESP (Processo 2012/04721-1). O estudo foi realizado no interior do estado de São Paulo com trabalhadores do setor de *varrição* em uma empresa responsável pela limpeza e coleta de lixo. Esta empresa recebeu concessão por 20 anos, através de uma parceria público-privada.

A demanda por intervenção nesta empresa surgiu em 2015 através de uma análise realizada pelo Centro de Referência em Saúde do Trabalhador (CEREST) da cidade que constatou um elevado número de acidentes de trabalho. A partir desta análise técnica, foram propostas intervenções na empresa que contaram com o apoio do Ministério Público do Trabalho (MPT) e da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (FSP – USP), uma vez que era de conhecimento dos técnicos do CEREST o trabalho realizado pelo grupo de pesquisa coordenado pelo Prof. Dr. Rodolfo Vilela (professor titular da FSP – USP).

Deste modo, foi realizada uma parceria entre a pesquisadora Dra. Marina Zambon Orpinelli Coluci (Pós-doutoranda na FSP – USP) e a empresa por intermédio do CEREST. Os pesquisadores Ms. Ana Yara Paulino, Dra. Mara Alice Batista Conti Takahashi e William da Silva Alves integraram juntamente com a Dra. Marina Z. O. Coluci a equipe de pesquisadores-mediadores desta intervenção, sendo sua participação na coleta de dados etnográficos e/ou sessões do Laboratório de Mudança. Quanto a mim, Bianca Gafanhão Bobadilha, participei das intervenções que ocorreram a partir de 2018, quando entrei no grupo de pesquisa.

Após negociações com a empresa, ficou acordado que inicialmente seria realizada uma intervenção no setor de varrição e, posteriormente, no setor de coleta de lixo, demonstrando interesse da empresa na continuidade do estudo (COLUCI et al., 2016; VILELA et al., 2020).

Inicialmente houve a coleta de dados etnográficos realizada em 2016. Esta etapa foi realizada na seguinte ordem: entrevista com representante do departamento pessoal da empresa; entrevista com uma das fiscais de varrição para conhecimento de logística do serviço; entrevista coletiva com trabalhadoras da varrição; entrevistas individuais com outras trabalhadoras (uma mais novata, uma mais experiente e uma com histórico de sintomas de dor); entrevista coletiva com os fiscais da varrição (supervisores) de 2 horas de duração; visita a uma das concentrações com o objetivo de compreender a organização do trabalho; entrevista com profissional da

Secretaria Municipal do Meio Ambiente da cidade; e acompanhamento da jornada de trabalho de uma dupla de varrição.

O objetivo das entrevistas individuais foi de levantamento de dados atuais da atividade, como número de trabalhadores, causas de afastamentos do trabalho, divisão das duplas em setores, distribuição da jornada de trabalho, particularidades do contrato estabelecido com a Prefeitura do município e aspectos positivos e negativos da atividade.

Além das entrevistas individuais, foram realizadas duas entrevistas coletivas, sendo uma com três trabalhadoras do setor de varrição e outra com os fiscais dessas trabalhadoras (superiores diretos). Estas entrevistas foram conduzidas por dois pesquisadores, em salas reservadas e com gravação para posterior transcrição e análise do seu conteúdo. As entrevistas foram inspiradas na Análise Coletiva do Trabalho (ACT), que é um método de análise do trabalho realizada pelos próprios trabalhadores em um espaço coletivo (FERREIRA, 1993; FERREIRA, 1999). Parte-se da pergunta “o que vocês fazem no seu trabalho?” e pode suscitar sentimentos relacionados ao mesmo (FERREIRA, 1993; FERREIRA, 1999).

A coleta de dados tem dupla função: no início do Laboratório de Mudança ela é imprescindível, pois permite aos pesquisadores-interventores um conhecimento prévio da atividade, de modo a orientá-los quanto aos problemas centrais da atividade e fornecer dados espelho para a discussão com os trabalhadores durante as sessões do LM. A discussão tem por finalidade que os profissionais visualizem os aspectos problemáticos da atividade, identificando quais problemas são importantes e possibilitando a análise de suas causas sistêmicas a fim de procurar por uma solução (VIRKKUNEN e NEWNHAM, 2015). Ao fazer isto, obtém-se informações para o debate dos conteúdos da atividade ao longo do tempo, seguindo um dos princípios fundamentais da Teoria da Atividade: a historicidade.

Devido a problemas orçamentários na prefeitura, o repasse de dinheiro para realização da limpeza pública diminuiu. Isto acarretou a diminuição do número de varredeiras e de fiscais e outras mudanças na organização do trabalho das varredeiras durante a coleta de dados etnográficos. A jornada de trabalho também alterou-se: antes finalizava às 14:20h e o almoço era realizado nas ruas das 11h às 12h e, após as mudanças, as varredeiras passaram a trabalhar por seis horas ininterruptas, iniciando às 6h, com o almoço entre 12h e 13h na concentração e o período de 1h de descanso, finalizando a jornada às 14h. Esta mudança proposta pelo MPT foi bastante aprovada pelas trabalhadoras. Com a nova jornada de trabalho elas passaram a guardar suas marmitas na concentração já que antes ficavam no carrinho da varrição; agora tinham equipamentos e local adequado para realizar o almoço, com geladeira, fogão e mesa; além de não retornarem a varrição no horário de maior exposição ao sol (a partir das 12h).

Após a coleta de dados etnográficos, houve a realização das sessões do LM entre março de 2017 e julho de 2018. Ao todo, foram realizadas 15 sessões, de aproximadamente 2 horas duração, sendo que na primeira estavam presentes 22 participantes e nas demais uma média de 15. A partir dos dados obtidos, optou-se por realizar as sessões do LM durante o horário de descanso das varredeiras na concentração, visando maior participação delas, porém o grupo de participantes variou durante o processo, devido a faltas, férias, licenças e mudança de concentração nas sessões 11 e 12.

4.1.1 O Setor de Varrição

O setor de varrição é composto pelos varredores, fiscais e equipe de apoio. A maioria dos trabalhadores que exerce a função de varrição é mulher, cerca de 95% e estas preferem ser chamadas de varredeiras. A participação nas sessões do LM foi somente de mulheres varredeiras, de modo que se optou neste estudo por referir a categoria desta forma. Elas têm idade variada, de jovens a idosas no grupo. Em geral, a escolaridade é baixa, havendo varredeiras analfabetas no grupo.

Na época da coleta de dados, as varredeiras iniciavam a sua jornada de trabalho antes das 6 horas, quando chegavam na concentração. As concentrações são casas alugadas pela empresa para que as varredeiras guardem os materiais e seus pertences, além de servir de apoio a elas. Às 6 horas, as varredeiras deveriam estar no seu *setor*, trecho que seria varrido por elas divididas em dupla, até antes das 14:00. Ao finalizarem a varrição ou quando acabava este horário, elas retornavam para a concentração, preparavam os materiais para o dia seguinte e finalizavam seu trabalho. Após as primeiras sessões do LM, houve uma modificação realizada pelo MPT nesta jornada de trabalho: o início se manteve às 6 horas, porém elas deveriam retornar à concentração às 11 horas, realizavam seu almoço lá ao invés de ser na rua como antes, preparavam os materiais do dia seguinte e descansavam até o meio dia, finalizando o trabalho na varrição.

Ao saírem, muitas delas vão para suas outras jornadas de trabalho, sejam elas o trabalho doméstico nas suas casas, o cuidado com os filhos e parceiros ou também trabalhos para obter a segunda ou terceira fonte de renda, já que a de varrição por vezes é incompatível com suas necessidades. Estes trabalhos são de diaristas, mensalistas, boleiras, cozinheiras e artesãs.

Para a realização da atividade de varrição, cada dupla leva consigo um carrinho, suas luvas, uma pá, duas vassouras (uma de piaçava que elas produzem e outra fornecida pela

empresa) e sacos de lixo. Elas não sabem quantos quilômetros percorrem por dia, e o percurso que é pago a elas é somente o que elas realizam a varrição, não incluindo o deslocamento da concentração para o setor e seu retorno.

O trabalhador responsável por fiscalizar e coordenar localmente este setor é o fiscal, existindo tanto homens quanto mulheres neste cargo. Eles têm contato direto com as varredoras e são responsáveis por um conjunto de setores.

Outros funcionários interferem na atividade de varrição, como os encarregados, o engenheiro responsável pelo mapeamento da varrição e o engenheiro técnico de Saúde e Segurança do Trabalho.

Na fase de coleta de dados etnográficos, foi relatado que o trabalho na varrição é cansativo, causa dores físicas e houve aumento da área a ser varrida nos últimos anos. As varredoras expuseram também incompreensão na distribuição de trabalho e no uso das trabalhadoras “reserva”, dificuldades em áreas consideradas perigosas, diferenças de comprometimento com o trabalho entre as duplas, fragilidade dos materiais e dificuldades para realizar refeições e necessidades fisiológicas.

Durante as sessões, hipóteses de contradições foram formuladas. Conforme dito anteriormente, as contradições nos SAs são inerentes à forma capitalista de trabalho, expressas pelos conflitos entre o valor de uso e valor de troca da mercadoria-trabalho. A primeira contradição estaria relacionada à incompatibilidade entre o número de varredoras e a demanda de trabalho. Para reduzir custos de produção, a empresa reduziu o número de varredoras apesar do aumento da demanda de trabalho (área a ser varrida). Esta incompatibilidade pode ser entendida como uma contradição tanto primária em relação ao maior ganho que a empresa tem com a diminuição de trabalhadores quanto secundária entre os elementos *sujeito* (varredoras) e *objeto* (área de varrição).

A segunda contradição estaria relacionada à mudança constante de mapa de varrição por parte dos gestores, que por sua vez, desconhecem as estratégias para a realização do trabalho das varredoras. A varrição exige um conhecimento tático do território por parte das varredoras para que as mesmas organizem suas operações. As constantes mudanças de mapa exigem que as varredoras aprendam, a cada mudança, novas estratégias para a realização de seu trabalho, sobrecarregando-as física e mentalmente. Esta situação é interpretada como contradição secundária entre os elementos *instrumentos* e o *objeto*.

Outra contradição estaria relacionada à população que, composta pelos munícipes e comerciantes, não reconhece ou visualiza as varredeiras. Historicamente, a varrição e a limpeza de espaços públicos deixam de ser objeto da população e passam a ser realizadas por pessoas contratadas para tal finalidade. Neste momento a varrição surge como uma atividade especializada a partir da divisão social do trabalho. No entanto, a varrição continua a depender, na prática, de ações tomadas pela população. Desta forma, só é possível uma efetiva limpeza destes espaços se houver a participação da população, ou seja, a limpeza de locais públicos deveria ser objeto tanto das varredeiras quanto da população, criando um novo SA no qual as varredeiras e a população compartilham o mesmo objeto. Porém não é isso que se observa no dia a dia da varrição, de modo que a configuração atual do SA em que a *comunidade* (população) não compartilha o objeto com o *sujeito* (varredeiras) é incompatível com o objeto da varrição e limpeza de espaços públicos, sendo interpretada como uma contradição terciária entre o SA da varrição e o SA da população.

As manifestações das contradições podem estar relacionadas a divisão social do trabalho de diversas formas. A primeira quando busca-se obter a máxima expropriação do trabalho das varredeiras, a segunda quando exclui a população como responsável pelo cuidado e limpeza do espaço público e a última quando, na divisão entre trabalho imaterial e material, típica do sistema taylorista de produção, relega aos trabalhadores operacionais um lugar de subalterno ao primeiro. Sendo assim, o foco deste estudo se dá nas manifestações de contradições que expressam as relações sociais entre as varredeiras e demais elementos do SA, por entender que é através destas relações que a invisibilidade da atividade delas aparece.

4.1.2 Sessões do Laboratório de Mudança

As sessões do LM seguiram o ciclo de aprendizagem expansiva iniciando-se pelo questionamento (sessões 1, 2 e 3), partindo para as análises histórica (sessões 4, 5 e 7) e atual (sessão 6) até atingir a fase da modelagem das soluções propostas (sessões 8 a 15).

As sessões encontram-se detalhadas no Capítulo 12 intitulado *Laboratório de Mudança no Setor de Limpeza Pública: um Diálogo com Mulheres Varredeiras*, escrito por Marina Coluci, Bianca Bobadilha, Ana Yara Paulino e William Alves, do livro *Desenvolvimento Colaborativo para a Prevenção de Acidentes e Doenças Relacionadas ao Trabalho: Laboratório de Mudança na Saúde do Trabalhador* (VILELA et al., 2020).

A partir da coleta dos dados etnográficos e do acordo com a empresa, decidiu-se realizar as sessões na concentração do centro da cidade inicialmente. Nesta concentração há o maior

número de varredoiras e estas são responsáveis pela varrição tanto do centro comercial quanto de alguns dos pontos turísticos da cidade. Por conta da circulação intensa da população nestes locais, a varrição nestes setores é feita diariamente de segunda-feira a sábado.

Conforme as varredoiras iam elencando os principais distúrbios na atividade de varrição, foi identificado que há diferenças significativas entre os setores centrais e os localizados nos bairros da cidade. Enquanto nos primeiros a varrição é diária, nos segundos há rotatividade chegando a ser realizada até 1 vez por semana. Na tentativa de abarcar estas diferenças e pensar em soluções mais próximas à realidade dos bairros, os pesquisadores-intervencionistas realizaram as sessões 11 e 12 em uma concentração mais periférica.

Optou-se neste estudo por não analisar as sessões 11 e 12 por considerar que a formação de agência transformativa pode ter sido prejudicada, uma vez que não foi realizado o ciclo de aprendizagem expansiva para as trabalhadoras lotadas nesta concentração.

Após as primeiras sessões, os mediadores perceberam uma baixa participação das varredoiras nas atividades propostas e atentaram-se ao fato de que parte delas não tiveram acesso à leitura e escrita. Deste modo, a fim de favorecer o processo de ensino-aprendizagem delas, os mediadores fizeram modificações no formato de apresentação dos estímulos: passaram a utilizar figuras, imagens e instrumentos mais próximos ao que elas conheciam.

4.2 CONSTRUÇÃO DAS NARRATIVAS A PARTIR DOS DADOS DISCURSIVOS

As análises foram realizadas de maneira qualitativa, levando em consideração os discursos dos participantes e os registros audiovisuais das sessões. Inicialmente, a fim de conhecer os dados, foram assistidas 13 das 15 sessões do Laboratório de Mudança. Devido à perda das gravações em vídeo das sessões 7 e 8, estas não puderam ser assistidas, tendo como registro apenas o material escrito pelo grupo de mediadores (roteiros e relatórios das sessões).

A fim de analisar a formação de agência transformativa e a manifestação da invisibilidade pública, foi realizada a transcrição literal das 11 sessões ocorridas na concentração do centro. Abaixo encontra-se o resumo com a quantidade de dados obtidos nas sessões do LM que ocorreram na concentração do centro (QUADRO 1).

Quadro 1 – Resumo dos dados audiovisuais e suas transcrições

Sessão	Duração das gravações	Quantidade de páginas de transcrição	Quantidade de palavras
1	89:57	19	13453
2	61:01	9	6748
3	54:00	12	9157
4	76:36	11	7835
5	85:15	10	6871
6	85:01	15	11293
9	82:32	9	6934
10	75:01	13	9707
13	76:08	16	12014
14	64:20	13	10196
15	42:49	5	3361

Durante a transcrição da primeira sessão foi desenvolvido um ‘carômetro’ com o rosto e nome das varredeiras a fim de identificá-las no processo de formação de agência transformativa, e, na medida em que surgiam novas participantes, estas eram incluídas neste documento. Os nomes dos participantes foram alterados para nomes de flores com distinção entre masculino e feminino, resguardando o anonimato dos trabalhadores.

4.2.1 Análise de Conteúdo

Após a transcrição dos dados, buscou-se a análise de conteúdo por ela designar um conjunto de técnicas de análise, organizadas de forma sistemática e objetiva para a descrição do conteúdo, que “permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2011, p. 47).

Deste modo, a Análise Conteúdo proposta por Bardin (2011) organiza-se em três polos cronológicos: (a) a pré-análise, (b) a exploração do material e (c) tratamento dos resultados, a inferência e interpretação.

A pré-análise tem por “objetivo tornar operacionais e sistematizar ideias iniciais, de maneira a conduzir a um esquema preciso do desenvolvimento das operações sucessivas, num plano de análise”, utilizando-se da leitura flutuante como forma inicial para acessar os dados (BARDIN, 2011). Neste momento foi possível conhecer o material, sistematizar as ideias iniciais e principais acontecimentos de cada sessão na forma de resumos e, a partir disto, elaborar o plano de análise descrito no quadro abaixo (QUADRO 2).

Quadro 2. Resumo das etapas para construção das narrativas

No que concerne a exploração do material, foi possível a escolha das categorias, baseadas na leitura anterior, uma vez que é neste momento em que ocorrem as “operações de codificação, decomposição ou enumeração, em função de regras previamente formuladas de acordo com o perfil teórico estabelecido” (BARDIN, 2011).

Para esta análise, foi considerado como uma unidade de dados as falas correspondentes a um mesmo tema por interlocutor, não importando quantidade de frases. Por exemplo, quando duas varredeiras dizem que demora meia hora pra chegar no setor, é considerado uma

unidade/turno de fala, por identificar 1 distúrbio. Já, quando uma varredeira diz que o setor é grande e outra diz que demora mais de meia hora pra chegar no setor, são consideradas duas falas, por apresentar 2 distúrbios diferentes. Além disso, quando os intervencionistas leem respostas dadas pelas varredeiras, são consideradas falas das varredeiras.

As categorias analisadas referem-se aos dois objetivos do estudo: a) análise sobre a formação de agência transformativa das varredeiras e b) análise sobre as manifestações de invisibilidade pública. Devido à quantidade de dados a serem analisados, optou-se por separá-los em A e B, conforme indica o quadro acima (QUADRO 2), de modo que os processos de categorização estão descritos nos itens 4.2.3 e 4.2.4, respectivamente.

E por fim na Análise de Conteúdo, houve o tratamento dos resultados, inferência e interpretação baseados no aporte teórico descrito anteriormente, sendo descrito nos itens 5.1 e 5.2 deste estudo.

4.2.2 Análise de Discurso

Concomitantemente à Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2011), focou-se na Análise de Discurso, uma vez que haviam categorias relacionadas à manifestação da invisibilidade pública. Estas foram identificadas não pelo conteúdo expresso, mas sim pelas interações linguísticas entre os participantes das sessões do LM.

Esta identificação foi possível na medida em que, segundo Ahearn (2001), é possível examinar como as pessoas participam e influenciam a formação de cultura e a mudança de estruturas sociais focando em interações linguísticas. Dervin e Liddicoat (2013) também argumentam que a análise de discurso nos dá a oportunidade de analisar a agência dos indivíduos durante interações sociais.

Deste modo, a análise de discurso se propõe a compreender as relações de poder expressas pelo discurso (CAREGNATO e MUTTI, 2006). O enunciado não diz tudo, de modo que se considera fundamental o papel do analista na busca dos efeitos dos sentidos, saindo do enunciado e chegando ao enunciável através da interpretação (CAREGNATO e MUTTI, 2006).

4.2.3 Identificação e categorização de falas agentivas

Seguindo o processo metodológico proposto na Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011), após a transcrição e leitura flutuante dos dados, foram identificadas categorias de *falas agentivas*. Esta categorização foi proposta a partir do ciclo de aprendizagem expansiva (FIGURA 3) (ENGESTRÖM, 1999) e contém: a) identificação de manifestações de distúrbios

no SA; b) questionamento sobre a relação das varredoiras com estes distúrbios; c) análise do porquê destes distúrbios; d) proposição de inovações para solucionar estes distúrbios e e) análise da inovação proposta. Cada categoria de falas foi dividida pelos respectivos grupos interlocutores: varredoiras, intervencionistas e outros trabalhadores.

As falas agentivas de (a) identificação de manifestações de distúrbios no SA são correspondentes às identificações de distúrbios que os interlocutores realizam durante as sessões. Estes distúrbios podem estar relacionados a qualquer elemento do SA, como no exemplo a seguir que está relacionado aos instrumentos que elas utilizam para a realização de seu trabalho e no esforço físico que fazem, gerando dores (distúrbio):

Iolanda (com voz um pouco mais alta): ah sei lá né, se você falar eu tô com dor, DOR, eu vou falar assim eu tô com dor, você vai ficar com dor de andar, você vai ter dor de varrer. Petúnia: dor no pé né. Iolanda: isso daí né. Não tenho nem como falar 'ah eu não tenho dor', é mentira. (Sessão 1)

As falas agentivas de (b) questionamento sobre a relação das varredoiras com estes distúrbios correspondem aos questionamentos que os participantes fazem nas sessões sobre os distúrbios identificados na categoria anterior terem ou não relação com a atividade de varrição. No caso ilustrado abaixo, a varredeira Iolanda questiona a causalidade do distúrbio 'dores', identificado acima:

Iolanda: é, que nem eu já ouvi na varrição: eu tenho esporão nos dois pés, eu já ouvi de varredeira 'mas é porque você não troca o seu sapato'. 'Ah mas é porquê você anda errado' e não é eu não escolhi ter esporão no pé, tem pessoas porque tem uma forma física melhor, eu sou alta, eu sou gordinha e tenho esporão e daí? O que o meu pé tem a ver com isso? (Sessão 1)

Já as falas agentivas de (c) análise do porquê destes distúrbios correspondem às análises que os participantes da sessão fazem buscando compreender as causas sistêmicas dos distúrbios identificados, como no exemplo a seguir em que analisam o distúrbio referente à diminuição de dias de varrição nos bairros mais periféricos:

Mediador A: tal bairro uma vez por semana, tal bairro 2 vezes por semana? Vocês têm, que eu não sou daqui, vocês acham que existe uma explicação? Iolanda: ah, eu acho, não sei né, eu acho que é IPTU né. Gérbera: não, eu acho que assim né, a firma mesmo não tem nada a ver com essa mudança [Iolanda: não, a firma não] de coisa, assim como meu filho mexe com o negócio de futebol da prefeitura, diz que a prefeitura mandou diminuir os gastos, o que que aconteceu: mandou gente embora, diminuiu as varredoiras, então a gente penetra dentro do lugar daquelas que foi. Mediador A: então, mas por exemplo, diminuiu as varredoiras. Gérbera: diminuiu. [...] (Sessão 6)

As falas agentivas de (d) proposição de inovações para solucionar estes distúrbios e correspondem às proposições que os participantes fazem durante as sessões do LM para resolver os distúrbios identificados. E as falas agentivas de (e) análise da inovação proposta correspondem à análise se está solução proposta seria efetiva ou não e seus possíveis

desdobramentos. No trecho de falas abaixo, as varredeiras haviam identificado o descarte incorreto de resíduos de bares, lanchonetes e restaurantes como um distúrbio que atrapalha a varrição, a varredeira Iris propõe que seja feito uma conversa com os donos destes estabelecimentos e depois a Hortência analisa esta solução, relatando que foi efetiva:

(d) Iris: Eu, depois que conversei com o homem do restaurante, ele nunca mais pôs o saco lá [risos]. [...]

(e) Hortência: Nós já fomos em restaurante e uma vez o fiscal passou e a dona nem sabia de nada, alertou a mulher lá. Iris: é, se você conversa, a pessoa não faz mais porque eu falei para ele assim, não ponha mais esse horário porque o gari não passa nesse horário aqui, põe no horário que ele vai passar, daí ele pôs, e não ponha muito também, porque coitado, eles também não é de ferro, enchia o sacão assim de comida, laranja, quando ele vai pegar aquilo dali, não aguentava coitado, daí ele diminuiu, sabe? Agora põe em 2 sacos, né Rosa? Nunca mais deixou o saco estourar agora lá. (Sessão 6)

Conforme foi ilustrado acima, as varredeiras identificaram diversos distúrbios no SA da varrição e nem todos apresentavam as 5 categorias de falas agentivas. Desta forma, optou-se neste estudo por centrar as análises em um distúrbio que foi discutido durante a maioria das sessões e percorresse o ciclo de aprendizagem expansiva (FIGURA 3), o descarte dos grandes geradores de lixo (bares, restaurantes e lanchonetes), a fim de que fosse analisada a formação de agência transformativa das varredeiras.

4.2.4 Identificação e categorização de falas relacionadas à invisibilidade pública

A partir da leitura das transcrições foi possível identificar falas que expressavam manifestações de distúrbios e estavam relacionadas a contradição da invisibilidade pública. A partir do entendimento de Costa (2004, p. 57) sobre o fenômeno da invisibilidade pública como sendo um “desaparecimento intersubjetivo de um homem no meio de outros homens” que é marcado pela reificação e humilhação social, identificou-se trechos nos discursos em que aparecem estas duas expressões da invisibilidade pública: a reificação e humilhação social.

A reificação pôde ser visualizada por meio da objetificação das relações em que as varredeiras estão incluídas, através da análise dos discursos produzidos. As relações sociais que deveriam ser entre homens-sujeitos, na invisibilidade pública se estabelecem como relações entre coisas-mercadorias, provocando assujeitamento das varredeiras:

Mediador A: Quem que faz essa atividade? Begônia: A varrição. (Sessão 2)

Gérbera: Eu tô lá no Bairro X faz um bom tempinho, mas se um dia ele falar ‘hoje você não fica mais aqui, você vai lá pra Z’, eu tenho que ir lá pra Z. Eu não vou retrucar, como que eu vou? Eu pego e vou, fazer o que? (Sessão 6)

Já o reconhecimento de falas que expressavam a humilhação social se deu através dos relatos das varredeiras. Neste caso, houve a releitura das transcrições e seleção das cenas em que as varredeiras relatam situações em que se sentem humilhadas socialmente. Estas situações

geralmente têm a ver com a população que, novamente, não vê as varredeiras como sujeito, seja chamando-as de lixo ou então roubando seus pertences:

Iris: Eu com ela, nós varre junto né, nós é parceira. Daí a moça da loja falou assim, eu tava varrendo e ela tava catando, a moça da loja falou assim para mim: ‘moça, o dona’, já ia falar moça, nem moça é, ‘a senhora quer umas blusas de frio para a senhora?’. Aí eu falei ‘se você me dar, eu quero né’. Daí ela entrou, eu esperei, peguei e pôs no carrinho né, daí ela tava subindo varrendo, aí eu falei ‘Rosa, a mulher deu uma blusas de frio para nós’. Daí a Rosa ‘vamo apressar, que aí vamo olhar que vai que não presta, nós não vai ficar carregando peso né?’ mas tava tudo boazinha, sabe? Daí encostou uma mulher, mas não era moradora de rua não, era uma mulher bem arrumadinha, tava de calça jeans. Ela falou assim ‘ai, vocês acharam isso?’. Eu falei ‘não, nós ganhemo’. Daí ela veio vindo assim, pegou o cachecol que eu falei para a Rosa ‘vou pegar para eu enrolar no meu pescoço, porque eu achei bonito’, cedo de manhã para a gente vir trabalhar né. Ela enrolou tudo no pescoço dela, e eu vi ela ajeitando, aí falei assim acho que ela só vai experimentar né? Tá experimentando né? [risos da Iris e das varredeiras, varredeira: Tá bom]. Daí eu falei ‘esse cachecol é meu, dá aí! Dá o meu cachecol’, ‘não vou dar não, tchau esse daqui é meu’ [varredeiras riem de gargalhar]. Daí eu falei ‘dá aí dona, é meu’, aí ela: ‘não vou dar não, vocês ganharam’. Daí eu falei assim para ela ‘nossa, como a senhora é sem vergonha’, daí eu falei mesmo, daí ela falou assim ‘sem vergonha é a sua mãe’. Mas daí eu ia brigar com a mulher? Daí a moça falou porquê que eu não tomei dela. Aí eu falei que se eu tomasse dela, ela ia vir para cima de mim e eu não ia deixar quieto, então é melhor ficar quieto né, mas roubou eu na cara dura. (Sessão 6)

A partir da identificação da manifestação destes dois fenômenos, reificação e humilhação social, as falas foram categorizadas em 1) manifestação de invisibilidade pública acontecendo na própria sessão e não sendo identificada pelos participantes e 2) relatos de situações de humilhação social e/ou invisibilidade pública, respectivamente.

Para o estabelecimento da primeira categoria de invisibilidade, o foco de análise foi a construção dos discursos produzidos a partir do *corpus* ideologia + história + linguagem, levando em consideração que “o discurso produzido pela fala sempre terá relação com o contexto sócio histórico” (CAREGNATO e MUTTI, 2006, p. 681). Optou-se por esta construção de análise devido as manifestações de invisibilidade pública não serem possíveis de se analisar apenas com o conteúdo das falas, mas sim pela construção destes discursos, que por sua vez é sócio-histórico.

Já para o estabelecimento da segunda categoria que corresponde aos relatos de humilhação social, as análises partiram do conteúdo das falas das varredeiras e a análise dos dados foi inspirada na Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011).

4.3 MÉTODO DE ANÁLISE

4.3.1 Análise sobre a formação de agência transformativa

O item A do Quadro 2 corresponde ao objetivo de identificar se houve formação de agência transformativa durante o LM e quais ferramentas favoreceram ou inibiram a formulação de inovações mais expansivas.

Para tanto, retornando a leitura das transcrições das sessões, foi identificado que os mediadores e as varredeiras elegeram dois problemas principais a serem discutidos e propostas soluções: a falta de conscientização da população sobre a varrição e a constante mudança do território de varrição.

Porém, não se tornou viável a análise focada nas interações linguísticas (AHEARN, 2001) utilizando estes dois grandes temas, por abrangerem diversos subtemas. Optou-se então por escolher um tema específico para que pudesse ser realizado este tipo de análise.

O tema escolhido foi o descarte de grandes geradores de lixo, como os bares, lanchonetes e restaurantes. A escolha se deu devido ao fato de este tema permear todas as sessões que ocorreram na concentração do centro, impactar diretamente o trabalho das varredeiras desta região e por ter seguido o ciclo de aprendizagem expansiva.

Uma vez escolhido este distúrbio, retornou-se às transcrições das sessões e foram selecionados todos os trechos em que o descarte dos grandes geradores de lixo era citado. Produziu-se um compilado com os trechos agrupados de forma cronológica.

Para as análises focou-se na formação de agência transformativa manifestada pelas falas das varredeiras, conforme o ciclo de aprendizagem expansiva. Observou-se a identificação do distúrbio por parte das varredeiras, seguido do questionamento delas em relação a este distúrbio e da análise sobre porquê há o descarte incorreto dos grandes geradores de lixo. Observou-se também as proposições de inovações e análises destas à medida em que as varredeiras iam identificando e analisando o distúrbio.

A partir desta construção, verificou-se que houve formação de agência transformativa durante o LM, sendo que as inovações propostas alternavam em mais ou menos expansivas. As análises encontram-se descritas no item 5.1.

4.3.2 Análise sobre as manifestações de invisibilidade pública

A fim de compreender as expansões e retrações na proposição das inovações, retornou-se às transcrições das sessões e foram identificadas relações entre os achados e as manifestações de invisibilidade pública categorizadas anteriormente.

Deste modo, buscou-se produzir uma outra narrativa para analisar a invisibilidade pública a partir dos discursos produzidos pelos participantes durante o LM, correspondendo ao item B do Quadro 2 ‘Resumo das etapas para construção das narrativas’.

Ao analisar os dados, buscou-se trabalhar com as formas simbólicas para além do que que é falado. Deste modo, optou-se pelo Método de Interpretação dos Sentidos, proposto por Gomes (2008), que proporciona a compreensão das estruturas de significantes socialmente estabelecidos, dentro de sua base social e material:

O Método de Interpretação de Sentidos é uma tentativa de avançarmos mais na interpretação, caminhando além dos conteúdos de textos na direção de seus contextos e revelando as lógicas e as explicações mais abrangentes presentes numa determinada cultura acerca de um determinado tema (GOMES, 2008).

Para tanto, conforme dito anteriormente, inicialmente houve a leitura dos dados a fim de ter uma visão de conjunto e de suas particularidades, envolvendo a categorização e distribuição das unidades que compõem o material; em um segundo momento, extrapolou-se as falas e fatos explícitos para o que está implícito, na seguinte ordem: “(a) identificação e problematização das ideias explícitas e implícitas no texto (a problematização pode ocorrer através de questionamentos que fazemos ao material que dispomos; (b) busca de sentidos mais amplos (socioculturais) atribuídos às ideias; diálogo entre as ideias problematizadas, informações provenientes de outros estudos acerca do assunto e o referencial teórico”; e, após a decomposição do material em unidades na etapa anterior, elaborou-se uma síntese, calcada nos sentidos mais amplos que traduzem a lógica do material, sendo necessário fazer “uma articulação entre os objetivos do estudo, a base teórica adotada e os dados empíricos” (GOMES, 2008). Os dados referentes a esta análise estão no item 5.2 deste estudo.

4.4 ASPECTOS ÉTICOS

A pesquisa foi submetida à ciência e aprovação do SIEMACO - Sindicato dos Empregados em Empresas de Asseio e Conservação e Trabalhadores na Limpeza Urbana e Áreas Verdes de Piracicaba e Região, após ter sido negada a renovação de parceria entre o grupo de pesquisa e a Empresa.

O projeto foi também submetido à ciência e aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de São Paulo, respeitando os princípios éticos e as normas estabelecidas na Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde (nº do processo 96246918.3.0000.5421).

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados deste estudo puderam ser divididos em dois subcapítulos de acordo com os objetivos específicos. Primeiro, apresento a análise sobre a formação de agência transformativa e as estratégias usadas para propor inovações para um dos principais distúrbios elencado pelas varredeiras: o descarte de incorreto de grandes geradores de lixo, como os bares, lanchonetes e restaurantes. No segundo subcapítulo apresento a análise sobre a manifestação do fenômeno de invisibilidade pública a partir dos discursos produzidos nas sessões do LM.

5.1 ARTIGO¹ – FORMAÇÃO DE AGÊNCIA TRANSFORMATIVA DURANTE UMA INTERVENÇÃO NA ATIVIDADE DE VARRIÇÃO

Bianca Gafanhão Bobadilha, Marco Antonio Pereira Querol

Introdução

O mundo do trabalho se mostra cada vez mais complexo e dinâmico, de modo que a promoção da saúde e bem-estar do trabalhador requerem intervenções de *desenvolvimento do trabalho*. Tradicionalmente, este é entendido como uma função da gerência ou de um consultor contratado, que geralmente traz inovações prontas¹, cabendo ao trabalhador implementar as inovações sem resistência.

Estudos mais recentes mostram que a participação dos trabalhadores vai além da redução da resistência à mudança, estes sendo atores importantes no processo e que têm conhecimento sobre a atividade que desempenham². Fortalecer o envolvimento destes pode levar a identificação de problemas e inovações que não seriam possíveis sem a sua participação, além da promoção de saúde^{2,3}. Portanto, fazer com que a voz dos trabalhadores seja ouvida é uma estratégia importante para o desenvolvimento do trabalho⁴.

O envolvimento dos trabalhadores em intervenções vem sendo estudado como um processo de formação de agência. Para o sociólogo Anthony Giddens⁵, agência é a habilidade de agir intencionalmente e pode ser visualizada em ações propositais que têm consequência. Em projetos intervencionistas de desenvolvimento, a agência é exercida não somente por gerentes e consultores, mas também pelos trabalhadores. Desta forma, o objetivo deste artigo é avaliar a formação de agência transformativa (conjunto de ações para transformar um sistema

¹ Artigo submetido à Revista Cadernos de Saúde Pública

de atividade) a partir dos dados discursivos de uma intervenção formativa baseada no método do Laboratório de Mudança na atividade de varrição em uma cidade do interior paulista.

Metodologia

O conceito de agência já foi estudo de uma ampla gama de disciplinas e abordagens teóricas. Na psicologia, por exemplo, se foca na autoeficácia e comportamento motivado⁶. Geralmente, estes estudos veem agência como algo estável, uma propriedade dos seres humanos, sendo menos frequente encontrar estudos que veem agência como uma capacidade que se desenvolve durante a vida de um indivíduo⁷.

Segundo a literatura, agência é um processo dinâmico em constante mudança, não estável e expressa por meio de ações individuais, sendo mediada por artefatos e também por outros indivíduos, ou seja, é cultural e coletiva. Para Vygotsky, a importância de mediadores é central, uma vez que a formação de agência é mediada pelo uso de artefatos culturais ou estímulos⁸, que permitem empoderamento e protagonismo das pessoas. Sabe-se também que agência pode ser propositalmente estimulada por meio de fóruns de discussão e reflexão^{4,9}.

Deste modo, interessa-nos neste estudo a agência transformativa, entendida segundo a abordagem da Teoria da Atividade¹⁰ como “o processo de romper com o quadro de ação estabelecido e tomar a iniciativa de transformá-lo” (p.49). Ela ocorre quando um grupo de pessoas tomam iniciativa de forma colaborativa para desenvolver sua atividade¹⁰. Portanto, agência transformativa é uma atividade coletiva de transformação de um sistema de atividade humana, isto é, uma atividade de desenvolvimento coletivo de outra atividade. E, assim como qualquer outra atividade, é manifestada por ações direcionadas a transformação de um objeto.

Na Teoria da Atividade, o objeto das ações da agência transformativa é um *sistema de atividade* (SA). O modelo proposto por Engeström¹¹ baseou-se em Vygotsky¹⁰ e Leontiev¹² e

inclui artefatos culturais na mediação do objeto e mediadores sociais, como regras, divisão de trabalho e comunidade.

O SA é inserido dentro de uma rede de sistemas que estão em constante mudança. Estas levam à formação e ao agravamento de contradições entre os elementos do sistema, manifestando distúrbios e rupturas na atividade¹¹. As contradições são a força motriz para a mudança, sendo que o SA se transforma para resolver tais contradições. Nesta perspectiva, a criação de fóruns coletivos para análise das contradições e desenho de inovações são ambientes que facilitam a formação de agência⁷, sendo o Laboratório de Mudança (LM)^{13,14,15} uma metodologia voltada para esta finalidade.

O LM é baseado nos pressupostos de Vygotsky, dentre eles o método de dupla estimulação^{16,17}. A dupla estimulação auxilia os sujeitos a resolverem o problema e, conseqüentemente, desenvolverem a sua atividade^{17,18} a partir da formação da agência.

Ao propor o LM, Engeström¹⁹ identificou cinco tipos principais de agência transformativa que emergem entre os participantes durante as intervenções: a) resistência ao intervencionista ou à gerência, em forma de críticas, questionamentos, oposições ou rejeições²⁰; b) explicação de novas possibilidades ou potenciais da atividade; c) exploração de novos padrões ou modelos da atividade; d) compromisso com ações concretas visando mudar a atividade; e) tomada de ações conseqüentes às sessões do LM para alterar a atividade.

Método de análise

Os dados deste estudo foram coletados durante uma intervenção formativa com varredoiras de no interior de São Paulo entre março de 2017 a julho de 2018. O percurso realizado durante as sessões encontra-se no Capítulo 12 intitulado Laboratório de Mudança no Setor de Limpeza Pública: um Diálogo com Mulheres Varredoiras em *Desenvolvimento*

*Colaborativo para a Prevenção de Acidentes e Doenças Relacionadas ao Trabalho: Laboratório de Mudança na Saúde do Trabalhador*¹³.

A demanda por intervenção na empresa surgiu em 2015 através da análise realizada pelo Centro de Referência em Saúde do Trabalhador (CEREST) que constatou o elevado número de acidentes de trabalho no setor de coleta de lixo, porém, após acordos, ficou estabelecida a intervenção no setor de varrição.

Na fase de coleta de dados etnográficos, foi relatado pelos trabalhadores que o trabalho na varrição é cansativo e causa dores físicas; houve aumento da área a ser varrida nos últimos anos; há incompreensão na distribuição de trabalho e no uso das trabalhadoras “reserva”; há dificuldades de varrer em áreas consideradas perigosas; há diferenças de comprometimento com o trabalho entre as duplas; há fragilidade dos materiais e dificuldades relacionadas às refeições e às necessidades fisiológicas.

A maioria dos trabalhadores que exerce a função de varrição é mulher, cerca de 95% e estas preferem ser chamadas de varredeiras. Em geral a sua escolaridade é baixa, havendo analfabetas no grupo. Elas trabalham em duplas e são divididas no território de acordo com o setor de varrição, que elas chamam de *meu setor*. Em cada conjunto de bairros há uma concentração, que é uma casa alugada pela empresa para que elas guardem os materiais e seus pertences, além de servir de apoio para as refeições e o descanso das trabalhadoras.

As 15 sessões do Laboratório de Mudança foram realizadas durante o horário de descanso das varredeiras nas concentrações e tiveram duração aproximada de 2 horas cada. Participaram de 15 a 22 trabalhadores em cada sessão, sendo que este grupo não foi o mesmo durante o processo devido a faltas, licenças e interesse. Também foram convidados diferentes participantes para integrar o grupo pontualmente, de acordo com os objetivos da sessão.

Devido às especificidades do território, as sessões ocorreram em duas concentrações: a maioria no centro, onde há o maior número de varredeiras e as sessões 11 e 12 ocorreram no bairro da cidade. Optou-se por analisar apenas as sessões que ocorreram na concentração do centro por elas seguirem o ciclo de aprendizagem expansiva²¹ proposto pelo LM^{13, 15} (FIGURA 1)²¹.

*Figura 1 - O modelo de aprendizagem expansiva
Engeström, 1999, p. 384*

O ciclo inicia-se na identificação dos problemas da atividade presente, depois há o questionamento e as análises histórica e atual das contradições existentes no SA. Após, é criado um novo modelo com propostas de solução para equacionar as contradições identificadas. Este modelo será testado, examinado e implementado nas etapas seguintes e, posteriormente, será realizada uma reflexão sobre o processo, consolidação e generalização da nova prática^{13, 15}.

Foram transcritas literalmente 11 das 13 sessões do LM no centro, devido à perda das gravações em vídeo das sessões 7 e 8. Durante as transcrições foi desenvolvido um ‘carômetro’ com o rosto e nome das varredeiras a fim de identifica-las no processo de formação de agência. Aqui elas receberam nomes de flor.

A primeira etapa da análise foi categorizar as falas de acordo com as ações de agência transformativa. Esta categorização foi composta de falas agentivas referentes a a) identificação

e reconhecimento do problema ou distúrbio; b) questionamento sobre a relação do distúrbio com o SA de varrição; c) análise dos distúrbio; d) proposição de inovação para solucionar o distúrbio e, por fim, e) análise desta inovação proposta. Esta categorização de ‘falas agentivas’ foi proposta a partir do ciclo de aprendizagem expansiva (FIGURA 1)²¹.

Em seguida analisamos a construção coletiva das trabalhadoras acerca do entendimento e proposição de inovações para o distúrbio de descarte incorreto dos resíduos de bares e restaurantes. Optou-se por este ser um distúrbio mencionado em todas as sessões, por ter diferentes propostas e por seguir parte do ciclo expansivo.

Resultados e Discussão

A análise pela categorização de falas agentivas por sessão, nos permitiu perceber que durante as 11 sessões analisadas, a maioria das falas são das varredeiras (706), seguido de falas dos intervencionistas (284) e outros participantes (71).

O maior número de falas agentivas foi a de em identificação dos distúrbios (333), seguido de proposição de possível solução (239), análise da solução proposta (230), questionamento (161) e, por último, análise dos distúrbios (98). A medida em que o processo do LM ocorria, houve uma diminuição na quantidade de falas de identificação das contradições e aumento nas falas referentes à proposição de possíveis soluções e análise das mesmas.

Ações agentivas de transformação

As varredeiras começaram a elencar as dificuldades referentes ao trabalho já na 1ª sessão, dentre elas estava a do descarte incorreto de lixo de restaurantes, bares e lanchonetes. Dália, uma das varredeiras, identifica este problema dizendo que ‘a turma vem e rasga tudo, daí é obrigado nós a catar’. Ela aponta o retrabalho que tem devido ao lixo ser rasgado. Esta fala gera uma discussão que envolve ações de questionamento do problema, explicação e solução em um curto espaço de tempo. Dália quase que automaticamente propõe uma solução de

denunciar para a fiscal, sugerindo que é esta deve tomar uma ação. O mediador questiona o motivo do lixo ficar exposto e Dália explica que é porque os donos dos locais colocam o lixo no horário errado e as pessoas em situação de rua abrem os sacos. Isso leva à formulação de uma solução para não deixar o lixo exposto e, conseqüentemente, ninguém o abrir: ela propõe que os donos tenham ‘uma base da hora do lixeiro passar e colocar naquela base’.

A solução proposta por ela é informativa e pontual: alguém deveria avisar os donos destes comércios sobre o horário da coleta e estes, pontualmente, colocarem na hora correta (Solução 1). Além disso, neste trecho Dália demonstra certa governabilidade em seu setor: “quando é no meu setor eu vou e falo viu Jasmin (encarregada), falo mesmo! Não vou catar não, viu? Vai ficar aí ó, não vou pegar”.

Ainda sobre os grandes geradores de lixo, a varredeira Iris identifica outro problema: o da excessiva quantidade de lixo ultrapassando a capacidade do saco, de modo a rasga-los:

Hortência: No salão de festa, a fiscal já foi lá na prefeitura, falou que pra mulher que vai multar ela, é, porque é salgado, porque eles querem salgado, eles vão lá e rasga. Iris: Eles punhava no saco, mas enchia demais e daí o gari coitado, não aguentava, puxava e caía tudo. Daí eu falei pro moço, ‘moço, quando você ponhar lixo, essas coisas de laranja, não põe muito porque coitado dos garis, eles não aguenta não’. Daí acho que ele escutou o meu conselho sabe e daí ele não fez mais, né? Não achei mais lixo esparramado, mas eu vou também, sabe aquele suco de laranja? Eu falei, é muito pesado coitado. (Sessão 1)

A trabalhadora traz uma proposta de solução: a fiscal responsável por este setor foi fazer uma denúncia para multar o restaurante, sendo esta solução de nível mais pontual e punitiva (Solução 2). Já a Hortência traz uma experiência que ela foi conversar com o responsável pelo descarte, propondo uma solução mais informativa e educativa, mas ainda mais próxima ao nível pontual ao pensarmos na proporção dos atores envolvidos (Solução 3).

O tema do descarte dos grandes geradores de lixo aparece novamente na 3ª sessão, quando as varredoiras listaram os distúrbios mais importantes. Depois, elas distribuíram estes distúrbios num quadro de acordo com o respectivo ‘responsável’ por uma possível mudança, sendo que as opções apresentadas pelos mediadores eram: empresa, prefeitura, população, colega de trabalho e fiscal (QUADRO 1).

Quadro 1 – Dificuldades e seu respectivo responsável por mudança

Devido à dificuldade de entender a execução da tarefa, as varredoiras preferiram fazer a distribuição junto com os mediadores, elegendo a população como responsável, porém uma delas usou a expressão ‘vish’ após esta possibilidade de responsabilização:

Mediador: Aqui ô, lixo de restaurante. V1: os donos? V2: vish. Mediador: Os donos? Então é a própria população? Gérbera: é, a população. A população tem que colaborar também né. Mediador: é, então, tudo isso a gente tem que pensar né. Gérbera: é, então, tem que colaborar eles. Eles têm que colaborar. As sobras no lixo. Mediador: ou como põe né? Gérbera: é, ou como põe né no lixo. Mediador: então entra a mesma coisa aqui né? A rua do porto, salão de festa, carrinho de lanche, tudo eles próprios, então entra na população. (Sessão 3)

Apesar da fala de uma varredeira indicar alguma questão sobre a responsabilização dos donos ao ter dito ‘vish’, Gérbera diz que a população tem que se responsabilizar pelas sobras de lixo e como descartam estas sobras, sem haver um questionamento sobre como poderia ocorrer esta responsabilização. Ao dar abertura para “isso a gente tem que pensar”, o mediador

propõe, mesmo que temporária e limitadamente uma reflexão e sugere que a população deva saber como descartar o lixo, ou seja, sugere uma ação informativa (Solução 4). Porém, em seguida são retomados os outros distúrbios para o preenchimento do quadro.

Na 4ª sessão esse tema foi retomado e as varredoiras discutiram de outra forma. Retomando a sessão anterior, o mediador propõe que elas escolham entre a prefeitura ou a população como responsável:

Mediador: lixo de restaurante. Na semana passada vocês tinham colocado na população, porque a gente começou na semana passada. Vocês acham que a prefeitura ou a população? Rosa: a prefeitura, porque não adianta falar com os dono do restaurante. Tinha que ser a prefeitura notificar pra eles poder. Petúnia: dar multa. Margarida: nossa, na segunda-feira é aqueles sacos. Rosa: é. Petúnia: se nós for falar, eles xingam até nós. Mediador: Não, não vocês irem lá falar no restaurante. Petúnia: Então, mas ele xinga nós. Acácia: alguém da prefeitura ir lá. (Sessão 4)

Dentre as opções apresentadas, Rosa diz que o responsável deve ser a prefeitura. Isto ocorre porque não há um diálogo entre as varredoiras e os donos destes comércios, necessitando de uma intervenção punitiva do Estado através de notificações e multa (Solução 5). Neste trecho, fica explicito também que caso as varredoiras falassem sobre como descartar corretamente os resíduos para os comerciantes, elas seriam xingadas. Como resposta, o mediador reforça este ‘não-vínculo’ com a comunidade: elas não deveriam ir falar com eles.

Na 6ª sessão, a varredeira Iris analisa essa solução de multar e propõe que seja feita uma conversa com os comerciantes, partindo de uma experiência que ela teve. Mas ainda seria uma atitude de nível pontual e dependeria, segundo o mediador, ‘de restaurante’, não expandindo para ações sistemáticas (Solução 6).

Nas 7ª e 8ª sessões foi construído um folheto com informações para conscientizar a população. Na 9ª sessão, o mediador retoma o problema do descarte dos grandes geradores como sendo prioridade para as varredoiras do centro, por este interferir diretamente no seu

trabalho. Ele questiona as varredeiras se a ação mais informativa e educativa de divulgação do folheto com o descarte correto do lixo é suficiente. Há várias falas entre as varredeiras e elas retomam a ações mais punitivas e pontuais, como multa. Nesta mesma linha de intervenções mais punitivas e pontuais, a Rosa questiona a eficácia desta ação a longo prazo:

Rosa: pode ser por uma semana, duas... mas e depois? Iolanda: chama a polícia. Rosa: chamar a polícia? Mediador: vocês acham que tinha que ter um comunicado específico para eles? Rosa: tem que falar bravo com eles. Mediador: se realmente tiver essa multa, por exemplo, a prefeitura realmente pode multar, é uma coisa que eu não sei, que eu vou ter que me informar, vocês acham que é um comunicado que tem que ser dado a parte para eles? Iolanda: tem que dar os panfletos.
(Sessão 9)

As intervenções propostas pelas varredeiras se mantêm pontuais e punitivas: multar e chamar a polícia (Solução 7). O mediador propõe uma ação informativa e menos pontual, porém sem muita sistematização: um folheto específico para os donos (Solução 8), porém a Rosa retoma ações punitivas: “tem que falar bravo com eles”.

Não conseguindo expandir a intervenção para ações mais informativas e educativas, o mediador questiona se existe a possibilidade de se aplicar a multa e diz que ele tem que se informar sobre isto. Neste sentido, o mediador não inclui as varredeiras na busca por esta resposta ou no questionamento do motivo de elas optam por esta intervenção.

Em resposta ao mediador se tem ou não multa, a varredeira Tulipa responde com uma situação que vivenciou na qual houve a aplicação de multa para corrigir o descarte incorreto de lixo, pois a conversa com a população não resolveu este problema.

Na fala da Tulipa é possível perceber que as regras do SA da varrição, interferem na atividade do funcionário do salão, quando, a partir das orientações sobre o descarte correto, ele diz “Ah, não, porque vocês estão proibindo o nosso serviço, ninguém pode mais trabalhar.”. Segundo o seu pensamento, só seria fosse possível exercer a sua atividade se não houvessem

as regras da varrição, porém a patroa dele reconhece que as regras fazem parte do SA do salão ao perguntar para a Tulipa se ela havia informado o funcionário sobre o descarte correto.

As ferramentas utilizadas a seguir pelo mediador estão voltadas para a verificação da possibilidade de multar, uma vez que ele diz “então realmente existe a multa?” e “então tá, já que eu vou ter que conversar na prefeitura, eu vou pegar essa informação também”. Estas ferramentas têm caráter de verificação, entre sim e não, que talvez limite a expansão no que tange a análise sobre o SA de atividade de varrição.

Na 10ª sessão, os mediadores convidaram 2 funcionários da empresa para participar da sessão com o objetivo de discutir sobre o mapa. O Jacinto é responsável pelo mapeamento e setorização da coleta e está lotado na capital, já o Lírio é o encarregado operacional e trabalha no mapeamento juntamente com o Jacinto, porém em loco.

Ao final da sessão elas discutiram sobre os resíduos de grandes geradores. Iris retoma e analisa a intervenção de conversar com a população, dizendo que se informar a população, ela faz o descarte correto (Solução 9). Em seguida, o mediador traz uma análise que foi realizada na sessão com o grupo consultor de que eles acham que só produzir o folheto é insuficiente, necessitando de uma reunião com os comerciantes.

Em sua fala, Iris relata a sua relação com o seu setor, demonstrando que nos territórios em que as varredeiras têm maior envolvimento com a comunidade, elas conseguem informar os comerciantes sobre o descarte correto dos resíduos. De modo que não seria necessário entregar a eles o folheto, uma vez que a Íris estava entendendo como algo punitivo. Este entendimento, porém, foi devido à falta que ela teve na sessão anterior, demonstrando que a descontinuidade das varredeiras pode ser um fator importante para analisarmos o processo de expansão das inovações.

Violeta corrobora o problema de falta de conscientização dos comerciantes sobre o descarte incorreto do lixo, descrevendo o local onde acontece. Após, Lírio, funcionário responsável pelo mapeamento da varrição, analisa a solução de uma reunião com os donos a partir do levantamento dos locais feito pelas varredeiras. Esta proposição de solução tem um nível mais sistemático ao passo que envolve o Estado e a comunidade (comerciantes), com a participação efetiva das varredeiras na identificação destes locais, mesmo que este levantamento ainda esteja calcado nas reclamações e nas áreas críticas (Solução 10).

Em meio a identificação de outros problemas como o uso de sacos de lixo pelos comerciantes e por pessoas em situação de rua, o Lírio retoma a análise da solução sobre os comerciantes: com todas as intuições sabendo por meio de relatório, é possível aplicar multa para quem descumprir o acordo, ou seja, por mais que haja expansão na envolvimento de quem faria esta intervenção, são retomadas novamente as intervenções de caráter mais punitivos como forma de sanar este problema (Solução 11).

Lírio: por isso que é importante essa multiplicação de informação, porque até então quando fala para você, fala para mim, tudo bem. Só que quando começa a chegar nos órgão responsável, entendeu? O Cravo, tudo, o pessoal da segurança fazendo relatório, o pessoal acompanhando, o CEREST acompanhando, toma outro rumo, que aí na hora que mexe no bolso, aí né o povo ‘ah, não, perai. Calma aí.’ [risos]. [...] Magnólia: ‘ah, vai dá multa viu?’, ‘cuidado com a multa’. Ai não faz mais. ‘Dá multa?’, ‘Dá multa.’. (Sessão 10)

Em seguida, o mediador analisa este problema dizendo que os comerciantes não têm as informações corretas para o descarte de lixo:

Mediador: então nessa parte o que a gente percebe é que eles também não têm informação né. Se eles acham que não há, ‘ah, então vai dar multa?’, então eles não sabem porque eles não têm informação. (Sessão 10)

A partir desta análise, há a elaboração de um planejamento de ações para esta comunicação com os comerciantes, no qual as varredeiras deveriam preencher um formulário com o endereço destes estabelecimentos. Elas teriam a ajuda do Técnico de SST e da fiscal no preenchimento, uma vez que a maioria é analfabeta e a estratégia adotada necessitava da escrita. Depois deste levantamento, seria realizada uma reunião com estes comerciantes, na qual o CEREST e a Empresa informariam sobre como descartar corretamente os lixos e informariam que o descumprimento geraria multa.

O tema do descarte de resíduos dos grandes geradores foi retomado na sessão 13 como uma informação que seria explicitada no folheto, não retomando a ideia de reunião com os respectivos donos. O mapeamento dos bares e restaurantes não foi realizado, o que pode ter ocorrido devido a mudança do tempo entre as sessões. Além disso, o mapeamento, tal como foi proposto, dependeria do auxílio da fiscal e do gerente de SST na parte da escrita, de modo que as varredeiras não teriam autonomia para preencher os formulários sozinhas devido à escrita. Aqui podemos pensar que esta inovação estava fora da zona de desenvolvimento proximal das trabalhadoras.

A trajetória da proposição de inovações

Apresentada a narrativa acerca da construção do problema do descarte dos grandes geradores, elaborou-se o quadrante abaixo, sendo possível pensar em algumas hipóteses em relação à formação de agência transformativa das varredeiras (Quadrante 1).

As inovações foram classificadas em duas dimensões, a 1ª dimensão (eixo y) refere-se ao caráter das ações propostas, sendo elas classificadas no continuum punitivas → informativas → educativas. Já a 2ª dimensão (eixo x) refere-se como pensaram a forma de execução desta ação, sendo de forma pontual, naquele restaurante por exemplo, ou de forma sistemática, envolvendo diferentes atores e planejamento de ações conjuntas em múltiplos locais. A

indicação de expansão e retraimentos no continuum são referentes às ações que envolvem as varredeiras diretamente, sendo consideradas cada vez mais expansivas quanto maior o envolvimento destas.

Quadrante sobre o tipo de intervenção proposta para os comerciantes

Analisando o quadrante acima, é possível perceber que houve expansões e retraimentos em relação ao caráter das inovações propostas (eixo y). Analisando as falas, quando alguma varredeira sugere informar ou conversar com os comerciantes, a próxima solução proposta por elas é mais punitiva, envolvendo multa; e quando o mediador propõe informar, as varredeiras mantêm a proposição do mediador.

O retraimento de ações informativas para ações punitivas pode ser devido ao fato de que as informativas deveriam ser baseadas no conhecimento das varredeiras sobre como fazer o descarte correto dos resíduos e no vínculo com a comunidade, porém, por algum motivo, elas

sentem que esta solução é insuficiente e partem para ações tanto mais punitivas quanto que envolvam outros atores, como o Estado.

Este motivo pelo qual elas retraem pode ser a manifestação de um fenômeno chamado invisibilidade pública²². Neste fenômeno, há um desaparecimento intersubjetivo de certos sujeitos nas sociedades capitalistas, sendo, portanto, uma construção social e psíquica.

Por ser um desaparecimento intersubjetivo, os sujeitos invisíveis não se veem como sujeitos capazes de provocar mudanças no SA e, portanto, não se veem como atores neste processo. Então, apesar do conhecimento tácito que elas têm sobre o descarte dos resíduos, após todas as proposições em que elas informariam a população, há o retraimento para outros atores e de forma mais punitiva.

Neste ponto, há de se considerar também a formação brasileira quanto à educação e ao exercício da cidadania. Entre as varredeiras haviam falas de que a população só aprenderia com através do estabelecimento de multa, corroborando para um paradigma educativo por meio da punição.

Por outro lado, quando o mediador analisa que a comunidade desconhece o modo correto de descarte e propõe que ela seja informada sobre isto, as varredeiras sustentam esta inovação. Ao sustentar, elas utilizam o conhecimento que têm em relação à atividade de varrição, tanto no que tange o modo de descarte, como o conhecimento sobre o território e o vínculo com a comunidade, e criam um folheto informativo, pensando também em estratégias de distribuição para a população. A análise do distúrbio pode ter contribuído para a expansão em ações mais agentivas.

No que concerne a forma de execução das ações propostas é possível perceber que houve pouca expansão. As ferramentas mais utilizadas na análise deste distúrbio eram em sua maioria classificatórias, como o quadro de responsabilização utilizado na sessão 3. Este

mostrou-se inflexível para promover discussões sobre o que é responsabilização, qual é o papel de cada elemento do SA e as relações estabelecidas entre os elementos.

Ao escolher como ferramenta a classificação por responsabilidade, sem a abertura para o debate do que é responsabilização, pode ter ocorrido uma limitação no entendimento da mesma, não permitindo uma análise mais sistêmica e histórica deste distúrbio.

De acordo com os dados obtidos, não foi possível identificar que foi propiciado a elas uma discussão sobre o papel delas no SA e, conseqüentemente, em relação à comunidade. Quando elas relatavam tais relações, eram ofertadas as mesmas ferramentas ou então não era questionado como se dá a relação varredeiras-comunidade:

Mediador: Não, não vocês irem lá falar no restaurante. Petúnia: Então, mas ele xinga nós.

Acácia: alguém da prefeitura ir lá. (Sessão 4)

Ao não realizar uma análise sistêmica e histórica do distúrbio, as inovações propostas são agentivas, porém não expandem o entendimento do objeto e, conseqüentemente, não expandem para ações mais educativas e sistemáticas de forma gradual e continua.

Contudo, notou-se que na 10ª sessão ocorreu a proposição da solução mais expansiva (Solução 10), envolvendo as varredeiras, o Estado (CEREST), a empresa e a comunidade (donos do comércio), além de ser educativa e formativa. Esta inovação foi proposta pelo funcionário da empresa responsável, dentre outras funções, pelo mapeamento da varrição.

Na mesma sessão, porém, ao pensarem no cruzamento de dados entre as instituições, retornou-se a uma solução menos expansiva: sistemática, porém mais punitiva, pois a população só mudaria o comportamento depois de ser multada. Após análises, percebeu-se que os atores que pensaram nesta estratégia, tanto a varredeira quanto o funcionário da empresa, participaram somente desta sessão, obtendo o conhecimento sobre a metodologia do LM de uma forma limitada.

As inovações fora do desenvolvimento proximal das trabalhadoras propostas pelos atores que participaram pontualmente de sessões também pode ter interferido na formação de agência destas, uma vez que novamente propiciaram agência, porém não foram sustentadas a longo prazo: o mapeamento dos grandes geradores de lixo não ocorreu.

De um modo geral, foram observadas ações agentivas de explicação de novas possibilidades ou potenciais na atividade e análise de novos padrões ou modelos da atividade, porém comprometimento e ações consequenciais para transformar o objeto foram pouco observadas¹¹.

Por outro lado, nos chama a atenção a quase inexistência de ações de resistência ao método ou aos intervencionistas, necessitando mais estudos que busquem compreender o modo de envolvimento dos participantes em intervenções de desenvolvimento do trabalho.

Considerações finais

Intervenções de desenvolvimento do trabalho são espaços que propiciam agência⁹, mas não necessariamente propiciam inovações expansivas em relação a atuação das varredeiras conforme observado no estudo que, por sua vez, estão atreladas às ferramentas utilizadas pelos intervencionistas e as concepções de educação e cidadania. As ferramentas de caráter classificatório mostraram-se menos expansivas para a formação de agência transformativa na proposição de inovações para o descarte dos grandes geradores de lixo, na medida em que não propiciaram discussões e análises sistêmicas sobre os elementos do sistema. Provavelmente, a falta de questionamento dos papéis dos elementos (varredeiras, população, empresa e Estado) no SA de varrição, pode ter limitado o entendimento e, conseqüentemente, a expansão do objeto.

A análise da trajetória realizada pelo grupo durante as sessões mostrou que a agência transformativa das varredeiras foi afetada negativamente pela presença de atores de níveis hierárquicos superiores e pela descontinuidade da participação dos trabalhadores. Como

apontado por Virkkunen²³, intervenções feitas em locais com forte hierarquia, encontram dificuldades de implementação.

Por ser uma intervenção formativa na realidade concreta do trabalho, há também a complexidade de fenômenos psicossociais ocorrendo, como a invisibilidade pública. Estes podem ter uma contribuição importante para as análises de formação de agência transformativa, uma vez que esta visa a transformação do objeto e, portanto, transformação do SA. A análise da evolução das ações agentivas mostrou situações nas quais o mediador se colocava numa posição de responsável por confirmar a validade das proposições das varredeiras e isso pode ter influenciado a formação de agência das varredeiras, no entanto, devido à escassez de dados, sugere-se a análise para uma pesquisa futura.

Estudos prévios analisam se houve ou não formação de agencia transformativa^{9, 24}, contudo, não analisam de que forma esta agência é favorecida e se é proporcionada expansão. Este estudo mostra que a formação de agência transformativa é possível, porém sua continuidade é frágil. Deste modo, salienta também o desafio de pensar intervenções de desenvolvimento do trabalho que levem em consideração a zona de desenvolvimento proximal dos atores e fenômenos psicossociais, como a invisibilidade pública.

Referências

1. Kontinen T. Development intervention: Actor and activity perspectives. University of Helsinki, Institute of Development Studies. 2004.
2. Brito J. Trabalho e Saúde Coletiva: o ponto de vista da atividade e das relações de gênero. Ciênc. saúde coletiva [Internet]. 2005 Dez [citado 2020 Abr 08]; 10(4):879-890.
3. Langdon EJ. Os diálogos da antropologia com a saúde: contribuições para as políticas públicas. Ciência & Saúde Coletiva, 2014. 19(4), 1019-1029. <https://doi.org/10.1590/1413-81232014194.22302013>
4. Lopes MGR, Vilela RAG, Querol MAP. (2018). Protagonismo para uma compreensão sistêmica sobre acidentes de trabalho e anomalias organizacionais. Trabalho, Educação e Saúde, 16(2), 773-798. Epub May 17, 2018. <https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00128>
5. Giddens A. The constitution of society. Oxford: Polity Press. 1984.
6. Martin J, Sugarman J, Thompson J. Psychology and the Question of Agency. Albany: State University of New York Press. 2003.

7. Hitlin S, Elder GH. Time, Self, and the Curiously Abstract Concept of Agency. *Sociological Theory* 25 (2): 170–191. 2007.
8. Vygotsky LS. *Mind in Society: The Psychology of Higher Psychological Processes*. Cambridge, MA: Harvard University Press. 1978.
9. Haapasaari A, Engeström Y, Kerosuo H. The emergence of learners' transformative agency in a Change Laboratory intervention, *Journal of Education and Work*, 2014. DOI: 10.1080/13639080.2014.900168
10. Virkkunen J. Dilemmas in Building Shared Transformative Agency. 2006. *Activités* 3 (1): 43–66.
11. Engeström Y. *Aprendizagem expansiva*. Campinas: Pontes Editores. 2016.
12. Leontyev AN. *Activity. Consciousness. Personality*. Englewood Cliffs: Prentice Hall; 1978.
13. Vilela RAG, Querol MAP, Hurtado SLB, Cervený GCO, Lopes MGR. editors. *Desenvolvimento para a Prevenção de Acidentes e Doenças Relacionadas ao Trabalho: Laboratório de Mudança na Saúde do Trabalhador*, 1 ed. São Paulo: Exlibris, p. 346, 2020.
14. Querol MAP, Jackson-Filho JM, Cassandre MP. Change Laboratory: uma proposta metodológica para pesquisa e desenvolvimento da aprendizagem organizacional. *Administração: ensino e pesquisa*. 2011. 12(4), 609-40. Rio de Janeiro.
15. Virkkunen J, Newnham DS. *O Laboratório de Mudança: Uma Ferramenta de Desenvolvimento Colaborativo para o Trabalho e a Educação*. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2015.
16. Vygotsky L. *The collected works of L. S. Vygotsky*. Vol. 4. *The history of the development of higher mental functions*. New York: Plenum, 1997.
17. Engeström Y. From Stabilization Knowledge to Possibility Knowledge in Organisational Learning. *Management Learning*. 2007. 38: 271–275.
18. Vygotsky L. *The collected works of L. S. Vygotsky*. Vol. 5. *Fundamentals of defectology*. New York: Plenum, 1998.
19. Engeström Y. From Design Experiments to Formative Interventions. *Theory & Psychology*. 2011. 21 (5): 598–628.
20. Sannino A. Teachers' Talk of Experiencing: Conflict, Resistance and Agency. *Teaching and Teacher Education*. 2010. 26: 838–844.
21. Engeström Y. Innovative learning in work teams: Analyzing cycles of knowledge creation in practice. In Y. Engeström, R. Miettinen, & R.-L. Punamäki (Eds.), *Perspectives on activity theory*. New York: Cambridge University Press. 1999. 377-406.
22. Costa FB. *Homens invisíveis: relatos de uma humilhação social*. São Paulo: Globo, 2004.
23. Virkkunen J, Vilela RAG, Querol MAP, Lopes MGR. O Laboratório de Mudança como ferramenta para transformação colaborativa de atividades de trabalho: uma entrevista com Jaakko Virkkunen. *Saúde e Sociedade*. 2014. 23(1), 336-344. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902014000100027>
24. Sannino A, Engeström Y, Lemos M. Formative Interventions for Expansive Learning and Transformative Agency, *Journal of the Learning Sciences*, 25(4):599-633, DOI: 10.1080/10508406.2016.1204547. 2016.

5.2 MANIFESTAÇÃO DE INVISIBILIDADE PÚBLICA

Intrigado sobre porquê o papel das varredeiras não foi questionado durante as sessões do LM, retornou-se às transcrições e às categorizações prévias. Após releituras, constatou-se que poderia haver relação com a manifestação da invisibilidade pública, uma vez que ao entender a linguagem enquanto ação social (AHEARN, 2001), verificou-se interações entre os discursos e as cenas de invisibilidade pública, optando por elaborar uma narrativa acerca da construção desta interação.

O entendimento de linguagem enquanto ação social pressupõe que ela deve ser considerada dialética, enquanto, novamente, um fenômeno externo-interno, no qual os sujeitos constituem e são constituídos socialmente (AHEARN, 2001). Não existe ‘palavra neutra’, são carregadas de significados sociais e, portanto, está relacionada também ao poder (AHEARN, 2001).

Inicialmente, a manifestação da invisibilidade pública aparece atrelada à baixa escolaridade. Nas primeiras sessões foram identificadas falas como “Varredeira: Eu não sei ler. Mediador: Tá, mas eu vou ler tá?” (Sessão 1) após os mediadores proporem atividades relacionadas à leitura e à escrita. Se atentando a isto, os mediadores mudaram a apresentação dos estímulos a partir da sessão 5, usando imagens e figuras.

Com a mudança, houve maior participação das varredeiras, na medida em que elas puderam expressar-se de modo autêntico e crítico a partir da superação de situações-limite (dificuldade de leitura e escrita):

Em última análise, os temas são conteúdos e continentes de situações-limite; as tarefas por eles implicadas exigem ações-limite. Quando os temas são escondidos pelas situações-limite, de modo que não são claramente percebidos, as tarefas correspondentes - ou seja, as respostas dos homens mediante uma ação histórica - não podem ser realizadas de modo autêntico, nem de modo crítico. Em tal situação, os homens são incapazes de ultrapassar as situações-limite para descobrir que, adiante delas - e em contradição com elas - encontra-se um possível não-experimentado (FREIRE, 2016, p. 61).

Ao transpor estas situações-limite as varredeiras identificaram os distúrbios, questionaram a relação delas com estes e analisaram-nos de acordo com o conhecimento que têm sobre o seu trabalho. Além disso, propuseram inovações para tentar solucionar os distúrbios selecionados e avaliaram as inovações propostas.

Porém, as falas referentes a não saber ler e escrever ressurgiram nas sessões de modelagem das inovações, uma vez que as inovações mais expansivas (criação do folheto e mapeamento dos grandes geradores de lixo) utilizavam a escrita.

Mediador A: então eu vou mostrar para vocês primeiro os da empresa, tá? Eu vou passar o da varrição específico porque eu acabei de falar de todo aquele conteúdo que a gente fez para vocês verem se tá tudo aí, tá? Então eles mantiveram a maior parte das frases, tentaram, o pessoal que faz marketing essas coisas né, então... Mediador B: Viu, Mediador A, para espantar o sono pós-almoço eu vou propor para vocês levantarem e darem uma olhadinha lá de perto. Mediador A: isso, acho que é melhor. Mediador B: o que vocês acham? Assim vocês esticam um pouco as pernas [Varredeiras riem]. V: eu não sei ler meu filho, então tanto faz. Mediador B: é só olhar, ver se tá legal. Mediador D: ver se a senhora gosta. Mediador B: olha lá. Mediador A: a maior parte consegue enxergar aí pelo menos o visual? V: aham. Mediador A: então, esse foi o que o pessoal da empresa de publicidade fez para a empresa, é uma sugestão. Aí vocês podem analisar. A primeira sugestão na verdade nós [aponta para ela e para o Mediador B] já tínhamos visto e não gostamos, eles refizeram. (Sessão 13)

Neste trecho é possível perceber que as varredeiras hesitam em ir ver o folder projetado na parede, elas preferem ver de onde estão sentadas. Diante deste fato, podemos pensar que o fato da empresa ter feito mudanças no conteúdo do folheto, o espaçamento de tempo entre as sessões subsequentes na concentração do centro (10 e 13) e a utilização do folheto que, apesar de ter imagens, ainda é um instrumento que requer leitura, podem ter interferido na agência das trabalhadoras.

De algum modo, os estímulos para elas irem ver o folheto não interessaram a elas ou não estavam em sua zona de desenvolvimento proximal, de modo que tanto fazia elas irem vê-lo ou não: “Eu não sei ler meu filho, então tanto faz”.

O acesso à leitura e à escrita no mundo atual é uma forma de garantir o exercício pleno da cidadania (MORTATTI, 2004). Na medida em que as pessoas não compartilham deste signo, elas acham que não têm o que dizer, já que não sabem ler e escrever:

Mediador A: então tá. Vamo ver aí o que. Mediador D: Quem que vai falar desse grupo? Varredeira¹: Eu não vou falar. Varredeira²: aqui todo mundo é analfabeto, bem. Aqui ninguém sabe ler. (Sessão 15)

O direito de ler e escrever favorece o desenvolvimento social, cultural, econômico e político dos sujeitos e da nação. A atividade de educação *conduz pra fora*, para um outro lugar. Neste novo lugar, as varredeiras poderiam ser *sujeitos*, ensinando sobre a atividade de varrição e transformando-a a partir do seu aprendizado.

a educação (do latim *educatio*, *educare* – conduzir para fora de) pode ser definida como uma atividade específica e constitutivamente humana que tem por finalidade a formação, ou seja, o desenvolvimento das virtualidades próprias do ser humano, considerando-se sua capacidade de ensinar e aprender, em diferentes situações, espaços e momentos da vida (MORTATTI, 2004, p. 29).

O trabalho nas ruas é complexo e requer diversos conhecimentos e habilidades. Dentre eles, há a necessidade de conhecer as especificidades de cada trecho a ser varrido, formação de acordos coletivos e gerenciamento das expectativas dos diferentes sujeitos envolvidos

(população, empresa e varredoiras) (VASCONCELOS et al., 2008). Durante as sessões, as trabalhadoras expuseram dificuldades em relação a encontrar lugar para realizar atividades de necessidade básicas como beber água e ir ao banheiro.

Violeta: é, agora eu não sei. Então, se não tem, você vai fazer no mato, fazer o que? Se não tem onde você ir, onde você vai? Não tem. Não tem como ficar a pessoa andando atrás da gente. Mediador A: mas vocês acham que é normal ir no mato? Violeta: não, não é normal. Gérbera: mas é no último caso. Violeta: não é normal, mas... Rosa: e outra, você na beira do mato e o risco que você corre? Os carros passando... [varredoiras riem]. Violeta: se não tem outra opção, se vai... agora... você acaba indo, mas isso aí. (Sessão 3)

Na impossibilidade de usar algum banheiro, aparece inicialmente a expressão o ‘vai fazer o que?’. Considerando que o trabalho das varredoiras está atrelado ao varrer, ou seja, ao *fazer* manual/físico, quando aparece manifestação de contradições, aparece também o *fazer sem questionar*. Na tentativa de quebrar esta lógica que estão inseridas, os mediadores propõem intervenções que propiciam análise e questionamento. Ao pensar em uma opção, as varredoiras relatam as estratégias que fazem para conseguir ir ao banheiro:

Mediador A: mas será que não? A gente poderia pensar em uma opção. Violeta: mas é difícil de acontecer isso, é na avenida né. Então é difícil acontecer isso. Gérbera: agora tem bastante restaurante lá, não tem? Rosa: agora, eu fazia Rua A, eu e a Azaleia, não tinha lugar para ir no banheiro. Iolanda: tem que pedir. Violeta: você tem que pedir. Rosa: pedir aonde na Rua A? É só comércio. Iolanda: é só pedir. Rosa: Não é todo mundo que quer dar! Violeta: eu peço mesmo, é só pedir. Rosa: Não é todo mundo que quer dar para ir no banheiro, não é. [...] Violeta: quando eu estou com vontade de fazer xixi, eu olho para um lado, olho para o outro e falo ‘nossa, que vontade de fazer xixi, você não deixa eu usar o banheiro?’ Iolanda: tem gente que tem vergonha. Violeta: só que você também tem que ter amizade, você tem que ter amizade com as pessoas, todo mundo te apoia, você sabia? Só você ter amizade ali. (Sessão 3)

Como estratégia para resolver a contradição, as varredoiras utilizam do conhecimento e vínculo que têm com a comunidade. Mas este depende muito da interação de cada uma com o seu setor. Além disso, como toda interação, ela é mediada também por artefatos culturais, como por exemplo a raça. Neste sentido, cabe ressaltar que as varredoiras que disseram conseguir um local para ir ao banheiro são brancas, já a Rosa que diz “Não é todo mundo que quer dar para ir no banheiro, não é” é negra. Porém, devido à escassez de dados neste estudo, sugerem-se estudos que aprofundem o tema.

5.2.1 O fazer

Além dos trechos relacionados ao acesso à leitura e escrita, foi encontrado um posicionamento muito peculiar das varredoiras perante o seu trabalho: o *fazer*.

Devido às vulnerabilidades que estão expostas e à dificuldade de conseguir outro emprego, as trabalhadoras não veem outra opção a não ser *fazer* o que mandam, sem retrucar.

Gérbera: Eu tô lá no Bairro X faz um bom tempinho, mas se um dia ele [encarregado] falar ‘hoje você não fica mais aqui, você vai lá pra Z’, eu tenho que ir lá pra Z. Eu não vou retrucar, como que eu vou? Eu pego e vou, fazer o que? (Sessão 6)

Pelo caráter ontológico do trabalho e pelo modo como as relações estabelecidas por ele vão constituindo a subjetividade dos trabalhadores (BERNARDES e BEATON, 2017), aos poucos a impossibilidade de retrucar imposta às varredeiras pode trazer consequências para a sua subjetividade.

De algum modo elas estabelecem estratégias que tornam o trabalho possível nos seus setores, chamados de *meu mapa/meu setor*. Porém, as varredeiras não têm as mesmas garantias quando são trocadas de território. Isto demonstra que elas não têm governabilidade sobre os setores que fazem a varrição, ficando sujeitas às ordens dos encarregados que, por sua vez, recebem a distribuição do mapa feita pelo engenheiro.

O engenheiro responsável pela definição e setorização do território de varrição fica lotado na capital, em São Paulo. Ele desconhece as estratégias que cada dupla traça pra realizar o trabalho. Se para as varredeiras, elas criam vínculos com o território que tornam o trabalho delas possível, para este funcionário as duplas são dispostas em números:

Jacinto: Bairro X? Gérbera: É, Bairro X. Jacinto [olhando ora para Mediador A ora para Gérbera]: essa informação, ela é importante. Os mapas, eles são individuais por dupla, cada dupla tem o seu né, essa informação dela, se ela pegar a, cada dupla tem uma numeração, cada dupla tem a sua numeração [...] (Sessão 10)

A empresa tem uma forte hierarquia que corrobora com o distanciamento entre os trabalhadores. O engenheiro, que participou somente desta sessão de LM, considera a contribuição das varredeiras a partir da mediação feita pelos fiscais. Essas deveriam avisar os fiscais sobre novas ruas e estes avisariam o engenheiro:

Jacinto: Meu nome é Jacinto e eu fico no escritório lá de São Paulo. Eu cuido de várias cidades na parte de mapeamento e setorização, toda atualização das bases né? Aqui no centro eles não tem muito problema, mas mais na periferia vocês são muito importante, aqui no centro e na periferia, porque algumas ruas elas não estão no plano, elas vão avisando as fiscais que deve ser incluso, incluir essas novas ruas né, para fazer a ampliação tá? E a importância é que acaba passando também essas informações para a mudança de frequência, porque aumenta, no centro é diário, depois é alternado, depois é bissemanal, depois é semanal. A cidade tem essa característica né de varrição. Então a divisão de equipe, a gente cuida né, o meu contato mais é, pela dinâmica das coisas, mais com a parte das fiscalizações, com os fiscais né, mas o importante é essas informações, vocês tem que passar tudo aquilo que vocês tão no dia a dia né fazendo e vendo, para gente né, porque a melhoria vem de vocês, vocês são a primeira pessoa né, que tá desenvolvendo o trabalho, nós somos o apoio de vocês né. (Sessão 10)

Neste trecho fica evidente a distribuição das funções de cada cargo na empresa: as varredeiras deveriam *fazer e ver*, enquanto eles, a equipe de apoio, cuidariam da divisão do

território e do mapa. O trabalho delas refere-se ao *fazer*, enquanto o deles, ao *pensar* e *distribuir*, mesmo que esta fala tenha, ao final, uma preocupação com a melhoria no trabalho delas.

O *fazer* está tão marcado nestas trabalhadoras que, ao serem perguntadas sobre quem que realiza a varrição das ruas na segunda sessão, a varredeira Begônia responde que ‘a varrição’:

Mediador A: [...] Quem que faz essa atividade? Begônia: A varrição. Mediador A: Isso, são vocês, né? Vou colocar aqui, são as varredoiras né? Vocês fazem a atividade de limpar e varrer, certo? (Sessão 2)

Segundo o dicionário Aurélio, a etimologia da palavra varrição (varrer + ação) expressa uma ação, um ato. A frase da Begônia não expressa um sujeito. O substantivo usado por ela foca na ação e não nos sujeitos que a realizam.

O mediador traz o sujeito para a frase: as varredoiras, porém o *fazer* está tão marcado que surge em outros momentos do LM. Este *fazer* está atrelado ao modo como as varredoiras são percebidas pela sociedade:

Varredeira: O morador joga tudo na guia e liga lá na firma e ai como que você vai falar assim: eu passei. O saco tá lá, e daí? E a guia tá suja. Vai falar o que pra ele? Entendeu? Ter o saco não quer dizer nada. Tem muitas varredeira que fala: eu passei porque o saco tá lá. Não quer dizer nada isso! Entendeu? Tem que puxar, pelo menos o mais grosso da calçada eu acho que todo mundo deveria puxar, porque vai ficar ali. (Sessão 1)

Iolanda: eles vê que a gente tá passando por causa do barulho da vassoura. (Sessão1)

As varredoiras são *vistas* na materialização de seu trabalho, mas esta materialização está associada a uma fonte de exclusão social: o lixo. As trabalhadoras relataram olhares e comentários sobre tudo o que tocam ou fazem ser visto como sujeira pela população:

Tulipa: [...] ai ele falou assim, eu quero a comida dela. Ai ela falou: magina você comer comida de lixeira! Mas nunca que você vai comer comida de lixeira. Desse jeito! Eu falei: ‘moça e se ele ficar com vontade de ele comer a comida? Deixa ele comer um pouquinho’. (Sessão 13)

Além de estar relacionado ao sujo, as varredoiras são chamadas de *lixeira*. A comunidade vê as varredoiras como objeto, o objeto lixeira, porém as varredoiras se tornam sujeitos ao falar:

Acácia: sabe o que eu lembrei? De quando a gente tava varrendo um setor, ai a mãe mandou falar para a criança: olha ai filha, já vem a lixeira já. Ai eu falei: fia, eu não sou lixeira não [ri], vai me chamar de lixeira agora? [ri e as outras varredoiras também]. É margarida. ‘Ah, eu não sabia moça’. Eu falei: é margarida, fio. Não é lixeira. A tia não é lixeira. A minha mãe me ensina assim. Tá vendo, ô o que o menino tá falando. (Sessão 13)

Ao falar, retrucar, as varredoiras se tornam sujeitos e mudam os artefatos culturais da comunidade, mesmo que localmente. A partir desta estratégia então, os mediadores propõem que elas expandem a mudança na comunidade:

Mediador D: então, aí vocês podem ir lá e falar: não é bem assim. Acácia: é, chamou nós de lixeira. Mediador D: ou fazer um vídeo. V: ah, vídeo eu gosto. Mediador D: o vídeo é melhor? Mediador A: vocês acham que o vídeo seria melhor? Gravar vocês falando e... [Varredeiras falam paralelamente] Tulipa: nós tava andando e o filhinho falou: olha a lixeira, olha a lixeira! Eu falei: que lixeira? O menino: você. Eu não sou lixeira não. Eu sou margarida, não sou lixeira. A sua mãe não te deu educação não? E ela olhou assim pra mim. ‘Mas ele falou o que ele quis’. ‘Mas é porque a senhora não dá educação, porque se a senhora desse, ele não me chamava de lixeira, porque a lixeira que deixa a rua limpa para vocês poder passar’. Ai nunca mais ele me chamou de lixeira, ele falou: olha a margarida! [...] Mediador D: depois que a senhora falou para ele, ele mudou? Tulipa: ele mudou, ele não fala mais, ele fala ô a margarida vindo! Mediador D: e se a gente falar para mais pessoas? Tulipa: inclusive a própria mãe dele falou assim viu, do jeito que eu falo, ‘você não pode chamar ela de lixeira, tem que chamar de margarida’ e ele chama margarida. Mediador B: tem uma ideia legal aqui, ela falou que seria legal na lixeira, ao invés de ser uma performance de lixeira, não, seria talvez uma margarida em espécie de lixeira, ela comentou aqui. Acácia: isso. V: aí vai chamar nós de lixeira mesmo. (Sessão 13)

Ao pensar no folheto para informar a população, os mediadores se baseiam nos modelos que já existem e sugerem figuras como sujeitos: os carrinhos, as margaridas e as lixeiras. Deste modo, apesar da tentativa de promover a fala das varredeiras, ao utilizar as ferramentas já disponíveis como o modelo do folheto, continuam operando sob a ótica do assujeitamento desta categoria.

As marcas dessa subjetivação aparecem nas sessões sobre a produção do folheto:

Iris: vai ficar bom demais, nem escreveu direito [risos]. Violeta: melhor do que oce, você escreveu alguma coisa? [a Iris e Camélia são analfabetas] Camélia: nós ajudou. Iris: eu dei ideia. Iolanda: Escreveu nada! Só ficou falando que não era para escrever porque se não a gente ia ficar sem lixo na cidade. (Sessão 9)

Primeiro, a varredeira Iris questiona a qualidade da produção das colegas, ironizando o conteúdo criado por elas devido ao fato de não saberem escrever. Novamente vemos o impacto do uso de ferramentas que não estão na zona de desenvolvimento proximal dos participantes. Ao não estar, colocam o seu saber em dúvida.

Há também um questionamento sobre o objeto que ela entende por ser seu trabalho: se elas falarem para a população jogar o lixo no local adequado, as varredeiras não terão mais trabalho. Foi observado que esta concepção sobre a atividade de varrição surgiu em outros momentos durante as sessões, porém não suscitou questionamentos nem pelos mediadores nem pelas varredeiras. É como se o objeto de trabalho das varredeiras não coubesse ser questionado ou analisado, dando-se por constituído e inalterável, aparecendo novamente o foco no *fazer* ao invés do *pensar*, apesar de fazer estar atrelado ao pensar sobre o que se pode fazer para melhorar a atividade de varrição.

Mas foi em contato com o que é mais íntimo nas varredoiras que este cenário teve uma alteração: ao pensarem o sobre os sentimentos em relação às falas de humilhação:

Violeta: Tem horas que eles falam umas coisas para a gente que é um absurdo, a gente tem que respirar fundo e... porque a gente precisa do emprego da gente. Mediador B: e nesse momento assim, o que vocês sentem assim? Violeta: Raiva [dá de ombros]. Mediador B: Raiva? Violeta: É, dá raiva, porque o meu serviço é digno, eu gosto de trabalhar. (Sessão 6)

Na pausa, podemos perceber que há algo não dizível na fala dela porque elas precisam deste emprego. Nos cabe refletir que emprego é este em que há algo que não pode ser dito na tentativa de mantê-lo? Ou então de que recursos elas se apropriam, e que não pode ser dito, para tornar possível este emprego?

Porém, na medida em que os mediadores oferecem a elas para poder expressar e validar os seus sentimentos, elas tornam-se sujeitos, uma vez que Violeta estrutura a sua frase com o sujeito no singular e usando pronome possessivo em primeira pessoa. Ou seja, há espaço para ela falar sobre os seus sentimentos e a dignidade de seu trabalho, de forma que ela se torna o mais sujeito possível: ela gosta de trabalhar.

Em um outro momento, a dignidade do seu trabalho aparece revestida de outra forma. Quando são perguntadas sobre o desenvolvimento do LM, elas dizem “vocês se preocupam com a gente... não sei a troco de quê”. Inseridas na lógica capitalista de mercadoria de troca, elas se perguntam a ‘troco de quê’ os mediadores estão preocupados com elas:

Mediador A: e vocês acham que esses momentos que a gente tem aqui também acaba enriquecendo de alguma forma? Tulipa: ótimo também. V: Melhorou tudo né. Hortência: é, porque vocês são as pessoas que se preocupa com a gente. Tulipa: é, vocês se preocupa. Hortência: a troco não sei de quê [risos das varredoiras]. V: é verdade [risos]. Hortência: porque ninguém quer saber da vida da gente. Mediador B: é que a gente faz parte também né. A gente faz parte da mudança também. Mediador B: a gente também faz parte da mudança e se muda lá na frente, a gente agradece pelo trabalho. Tulipa: é verdade. Mediador B: a gente faz parte da sociedade também. Tulipa: aham. Mediador B: então a gente só tem a agradecer o trabalho de vocês. Tulipa: isso. Mediador B: que é importante né. Tulipa: é verdade. Marta: muitos falam na rua: ai, se não fosse vocês, como que seria? Tulipa: como que seria a rua? Como que seria a cidade? Hortência: é porque é assim, é tanto preconceito que você não tem ninguém próximo assim pra desabafar igual acontece aqui. (Sessão 13)

Atentando se a isto, o mediador busca inseri-las num contexto sistêmico, ressaltando o papel do trabalho delas na sociedade. A partir de então elas se veem como sujeitos responsáveis pela limpeza. Situadas neste lugar de sujeito, elas conseguem novamente expor seus sentimentos e encontram nas sessões do LM um lugar pra desabafar.

Por mais que desabafar seja ainda uma ação que não necessariamente precise de uma interação mais ativa com um outro, ela depende intrinsecamente do sujeito que está

desabafando e nisto há um ganho: no começo das sessões, o sujeito varredoras não aparecia, ao final, porém, este aparece.

Diante do exposto, pode-se dizer que foi possibilitado às varredoras um lugar de sujeito durante as sessões do LM conforme os mediadores deslocavam os papéis de *fazer* para *pensar* (pensar alternativas, perceber e validar o que sentem). No entanto, este deslocamento foi limitado ao que está mais próximo das varredoras e dos mediadores: ao que sentem e como sentem. Houve um deslocamento na forma como que se entendem por sujeito psíquico, mas não de uma forma mais abrangente ou social, ainda capturado pela lógica da divisão social do trabalho.

6. CONCLUSÕES

Este estudo teve por objetivo compreender como a promoção de agência transformativa interfere na invisibilidade pública de varredeiras do interior de São Paulo, subdividindo-se em a) identificar se houve formação de agência transformativa durante o LM e quais ferramentas favoreceram ou inibiram a formulação de inovações mais expansivas e b) analisar a invisibilidade pública a partir dos discursos produzidos pelos participantes durante o LM.

Por questões metodológicas citadas no item 4.1.2, o recorte deste estudo se deu sobre as sessões do LM que aconteceram na concentração do centro, de modo que outros dados, como os dados etnográficos, sessões em outra concentração, sessões com o grupo consultor formado por representantes da empresa e do CEREST e o principal desdobramento do estudo (produção de um documentário), não foram analisados.

Para tanto, desenhou-se o método de análise focando nas interações linguísticas a partir da análise de conteúdo e da análise dos discursos produzidos. Buscou-se nas análises dos discursos a compreensão das estruturas de significantes socialmente estabelecidos que determinam os lugares dos sujeitos socialmente (GOMES, 2008).

Nas sessões do LM as varredeiras identificaram diversas dificuldades para a realização do seu trabalho. Dentre elas estão as relacionadas ao trabalho na rua, que foram identificadas por todas as varredeiras, apesar de ter diferenças no tipo entre as varredeiras do centro e as dos bairros. As varredeiras lotadas nas concentrações periféricas, salientaram que é mais raro ter comércio para utilizar o banheiro e há menos circulação de pessoas, acarretando falta de segurança. Já as varredeiras do centro disseram ter que se preocupar com o movimento constante de carros e escolher onde coloca os sacos com os resíduos. No entanto, para todas há a exposição às temperaturas e clima e a falta de conscientização da população. Para lidar com estas adversidades, as varredeiras estabelecem estratégias entre as duplas e criam vínculo com a comunidade. Desta forma, pode se considerar o trabalho nas ruas complexo e que requer diversos conhecimentos e habilidades. (VASCONCELOS et al., 2008).

A partir dos dados etnográficos levantados, das sessões do LM e das interações que foram necessárias para a realização da pesquisa nesta empresa, observou-se que há uma forte hierarquia estabelecida. Devido a isto, não há interação entre os funcionários que não sejam imediatamente subordinados e seus chefes. De acordo com Virkkunen (2014) intervenções feitas em locais com forte hierarquia, encontram dificuldades de implementação. Isto pode justificar em certa medida porque as inovações propostas não foram implementadas, já que os

folhetos precisariam ser impressos pela empresa e o mapeamento dos grandes geradores de lixo precisaria ser coordenado pelos fiscais e engenheiro da empresa.

A falta de conscientização da população foi também uma dificuldade bastante analisada nas sessões do LM. Além da população não saber quais são as funções das varredeiras e os seus deveres e obrigações enquanto munícipe, há relatos de humilhação social vivenciada pelas varredeiras. Estes ocorrem de várias formas: tanto quando a população acha que é dever delas realizar funções que cabem aos munícipes, como por exemplo varrer garagens; como quando elas são referidas como *lixeiros*; *moça do lixo*.

Ao analisar cuidadosamente a dinâmica dessas dificuldades, e se atentando ao fato de que a sociedade constitui-se de um sistema de relações e, portanto, só se pode compreender seus fenômenos se analisados de forma sistêmica e relacional (BERNARDES e BEATON, 2017) pode-se perceber que elas manifestam o fenômeno da invisibilidade pública.

Outra contribuição do estudo foi no método de análise da manifestação do fenômeno *invisibilidade pública*, que pôde ser verificada através das construções linguísticas dos expressas nos discursos dos participantes do LM. Estas construções puderam ser analisadas utilizando o Método de Interpretação de Sentido (GOMES, 2008). É proporcionado a estas trabalhadoras um lugar social bastante específico: um desaparecimento subjetivo, devendo ser analisado dialeticamente enquanto produto e processo da produção da subjetividade das varredeiras (COSTA, 2004).

Houve formação de agência transformativa nas sessões do LM, porém estava voltada para a realização do *fazer*: o que as varredeiras poderiam fazer para melhorar a atividade de varrição. Apesar de insistir na potência que o fazer das varredeiras têm, por vezes este *fazer* não considerou a zona de desenvolvimento proximal destas trabalhadoras, exigindo leitura e escrita.

A partir dos dados analisados, pôde-se perceber que a pesquisa-intervenção propiciou um lugar de sujeito das varredeiras, porém ele não foi pra além de um desabafo das participantes. Há a hipótese de que não foi possível mexer na estrutura da organização do trabalho, que por sua vez é histórica e socialmente situada, devido às poucas análises históricas realizadas. Desde modo, sugere-se a continuidade do estudo com maior ênfase nas análises históricas e que estas sejam condizentes com a zona de desenvolvimento proximal dos participantes.

A lógica de propor atividades voltadas para o *fazer* pode ser explicada pela captura dos sujeitos, inclusive dos mediadores, na lógica da divisão social do trabalho. Ao propor a

separação entre trabalho material e imaterial, há uma captura dos discursos sociais que atravessam os sujeitos, constituindo suas subjetividades. Caberia às varredeiras o *fazer*, não o questionar; então, os mediadores também capturados por esta lógica, propuseram analisar o que se poderia *fazer*, não se atentando à necessidade anterior de *pensar* este fazer.

Como tentativa de sair desta captura, os mediadores propuseram outras formas de divulgar o trabalho de varrição para a população que não dependia estritamente da empresa ou do CEREST, como a produção de vídeos e documentário.. Por ser uma produção conjunta entre os produtores e as varredeiras, esta pode ser uma alternativa à formação de agência transformativa das trabalhadoras, uma vez que pode ser propiciado a elas o questionamento sobre o seu papel, na medida em que vão dialogando com a sociedade sobre a importância de seu trabalho.

Devido ao recorte do estudo, não foi possível realizar uma análise acerca da divisão sexual do trabalho e da divisão racial que foram identificadas neste estudo. Ressalta-se que a importância desta análise em estudos futuros, podendo revelar outras nuances da manifestação da invisibilidade pública.

7. REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Wanda Maria Junqueira de; OZELLA, Sergio. Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação. **Rev. Bras. Estud. Pedagog.**, Brasília, v. 94, n. 236, p. 299-322, Abr. 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S2176-66812013000100015>.
- AGUIAR, Wanda Maria Junqueira; OZELLA, Sérgio. Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 26, n. 2, p. 222-246, 2006.
- AHEARN, Laura. Language and Agency. In: Annu. **Rev. Anthropol.**, 2001, 30:109-37.
- ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e negação do trabalho. São Paulo: Boitempo Editorial, 1999.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BERNARDES, Maria Eliza Mattosinho, BEATÓN, Guillermo Arias (organizadores). **Trabalho, educação e lazer**: contribuições do enfoque histórico-cultural para o desenvolvimento humano – São Paulo: Escola de Artes, Ciências e Humanidades, 2017.
- CAETANO, Érika de Cássia Oliveira. A divisão do trabalho: uma análise comparativa das teorias de Karl Marx e Emile Dürkheim. **PUCMinas**. 2009. Disponível em <http://portal.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20060410095823.pdf> Acesso em 23 fev. 2019.
- CAREGNATO, Rita Catalina Aquino; MUTTI, Regina. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Texto contexto - enferm.** Florianópolis, v. 15, n. 4, p. 679-684, Dez. 2006. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072006000400017&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 15 Abr. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0104-07072006000400017>.
- CARRETEIRO, Teresa Cristina. Sofrimentos Sociais em Debate. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 57-72, 2003. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642003000300006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 23 fev. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-65642003000300006>.
- CASSANDRE, Marcio Pascoal; QUEROL, Marco Antonio Pereira. Metodologias Intervencionistas: Contribuição Teórico-Metodológica Vigotskianas para aprendizagem organizacional. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração (UFF)**, v. 8, p. 17-34, 2014.
- COLUCI, Marina Zambon Orpinelli, DONATELLI, Sandra, GEMMA, Sandra Francisca Bezerra, SEPPÄNEN, Laura, VILELA, Rodolfo Andrade Gouveia, BRAVO, Ecléa. Preparação e Negociação do Laboratório de Mudança: teoria e prática em dois casos. Paper accepted for publication in Proceedings of **ABERGO** 2016, Belo Horizonte MG. Maio, 2016.

COSTA, Fernando Braga. Garis. **Homens invisíveis: relatos de uma humilhação social**. São Paulo: Globo, 2004.

DERVIN, Fred; LIDDICOAT, Anthony J. (Eds.). *Linguistics for Intercultural Education*. Amsterdam, the Netherlands, and Philadelphia, PA: John Benjamins, 2013. Pp. vi, 201. \$49.95, paper. ISBN 978-9-02721-308-2.

ENGESTRÖM, Yrjö. *Learning by Expanding: An Activity Theoretical Approach to Developmental Research*. Helsinki: Orienta Konsultit Oy. 1987.

ENGESTRÖM, Yrjö. et al. The Change Laboratory as a tool for transforming work. **Lifelong Learning in Europe**, v. 1, n. 2, p.10-17, 1996.

ENGESTRÖM, Yrjö. Expansive learning at work: Toward an activity-theoretical reconceptualization. **Journal of education and work**, v. 14, n. 1, p. 133-156, 2001.

ENGESTRÖM, Yrjö. Putting Vygotsky to work: The Change Laboratory as an application of double stimulation. In: DANIELS, H.; COLE, M.; WERTSCH, J. V. (Eds.). **The Cambridge Companion to Vygotsky**. New York: Cambridge University Press, p. 363-425, 2007.

ENGESTRÖM, Yrjö; SANNINO, Annalisa. Discursive manifestations of contradictions in organizational change efforts: a methodological framework. **Journal of Organization Change Management**, v. 24, n. 3, p. 368-387, 2011.

ENGESTRÖM, Yrjö. From design experiments to formative interventions. **Theory & Psychology**, v. 21, p. 598-628. 2011.

ENGESTRÖM, Yrjö. Innovative learning in work teams: Analyzing cycles of knowledge creation in practice. In Y. Engeström, R. Miettinen, & R.-L. Punamäki (Eds.), **Perspectives on activity theory**. New York: Cambridge University Press. p. 377-406. 1999.

ENGESTRÖM, Yrjö. Expansive learning at work: toward an activity-theoretical reconceptualization. **Journal of education and work**, v. 14, n. 1, p.133-156, 2001. doi:10.1080/13639080020028747.

FERREIRA, Leda Leal. Análise coletiva do trabalho. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, São Paulo, n 78, v. 21, p. 7-19, abr./ maio/jun., 1993.

FERREIRA, Leda Leal. Diferenças e semelhanças entre a análise ergonômica do trabalho e a análise coletiva do trabalho. In: IX Congresso Brasileiro de Ergonomia - ABERGO, 1999, Salvador, BA. **Anais da Associação Brasileira de Ergonomia**, ABERGO: Salvador, 1999.

FREIRE, Paulo. **Conscientização**. Trad. Tiago José Risi Leme. São Paulo: Cortez, 2016.

GEMMA, Sandra Francisca Bezerra; FUENTES-ROJAS, Marta; SOARES, Maurílio José Barbosa. Agentes de limpeza terceirizados: entre o ressentimento e o reconhecimento. **Rev. bras. saúde ocup.**, São Paulo, v. 42, e. 4, 2017. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0303-

76572017000100203&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 08 mar. 2018. Epub 23-Mar-2017. <http://dx.doi.org/10.1590/2317-6369000006016>.

GIDDENS, Anthony. **The constitution of society**. Oxford: Polity Press. 1984.

GOMES, R. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: MINAYO, M.C.S.; DESLANDES, S.F. **Pesquisa Social: Teoria, Método, Criatividade**. Petrópolis: Vozes, p. 79-108. 2008.

GOMES, Claudia da Cruz; OLIVEIRA, Rafael Santos de. Agentes de limpeza pública: estudo sobre a relação prazer/sofrimento no ambiente laboral. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 33, n. Esp., p. 138-153, 2013.

GONÇALVES FILHO, José Moura. Humilhação social - um problema político em psicologia. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 11-67, 1998. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65641998000200002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 23 fev. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-65641998000200002>.

HATCHUEL, A. Intervention research and the production of knowledge. In: CERF, M (et al.) **Cow up a Tree**. Knowing and Learning for Change in Agriculture. Case studies from Industrialised Countries. Paris: INRA, p. 55-68, 2000.

HILL, R. et al. Workplace learning in the New Zealand apple industry network: a new co-design method for government ‘practice making’. **Journal of Workplace Learning**, v. 19, n. 6, 2007.

IANNI, Octavio; FERNANDES, Florestan. **Marx sociologia**. São Paulo: Ática, 1982.

LOPES, Acácia Tarabal; MACIEL, Ana Alice Duarte; CARRIERI, Alexandre de Pádua; DIAS, Derli de Souza; MURTA, Geraldo Benevides Dutra. O significado do trabalho para os garis: um estudo sobre representações sociais. **Perspectivas em Políticas Públicas**, Belo Horizonte, v. V, n. 10, p. 41-69, 2012.

MENDES, A. M. B.; MORRONE, C. F. Vivências de prazer – sofrimento e saúde psíquica no trabalho: trajetória conceitual e empírica. In: FERREIRA, Mario César Ferreira, MENDES, Ana Magnólia, OLIVEIRA BORGES, Livia de (org.) **“Trabalho em transição, saúde em risco”**. – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

MIDGLEY, Gerald. Systemic Intervention. In: **Systemic Intervention**. Contemporary Systems Thinking. Springer, Boston, MA. 2000.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Educação e letramento**. – São Paulo: UNESP, 2004. p. 136. Coleção Paradidáticos: Série Educação.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (OIT). Agenda nacional do trabalho decente. Brasília, 2006. Disponível em: <<http://www.oitbrasil.org.br/inst/fund/index.php>>. Acesso em: 17 set. 2018.

PADILHA, Valquíria. A realidade do trabalho subalterno de limpeza em shopping center. In: **Perspectivas**, São Paulo, v. 39, p. 75-98, jan./jun. 2011.

PADILHA, Valquíria. Nojo, humilhação e controle na limpeza de shopping centers no Brasil e no Canadá. **Cad. CRH**, Salvador, v. 27, n. 71, p. 329-346, Ago. 2014. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792014000200008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 23 Fev. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-49792014000200008>.

PATARO, Silvana Maria Santos; FERNANDES, Rita de Cássia Pereira. Trabalho físico pesado e dor lombar: a realidade na limpeza urbana. **Rev. bras. epidemiol.**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 17-30, Mar. 2014.

POLI, Solange Maria Alves. **Freire e Vigotski: o diálogo entre a pedagogia freireana e a psicologia histórico-cultural**. Tese doutoramento. São Paulo: USP. 2007.

QUEROL, Marco Antonio Pereira; JACKSON FILHO, José Marçal; CASSANDRE, Marcio Pascoal. Change Laboratory: uma proposta metodológica para pesquisa e desenvolvimento da aprendizagem organizacional. **Administração: ensino e pesquisa**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 4, p. 609-640. 2011.

QUEROL, Marco Antonio Pereira; CASSANDRE, Marcio Pascoal; BULGACOV, Yára Lúcia Mazziotti. Teoria da Atividade: contribuições conceituais e metodológicas para o estudo da aprendizagem organizacional. **Gest. Prod.**, São Carlos, v. 21, n. 2, p. 405-416, Julho. 2014.

SANNINO, Annalisa; ENGSTRÖM, Yrjö; LEMOS, Monica. Formative Interventions for Expansive Learning and Transformative Agency, **Journal of the Learning Sciences**, v. 25, n.4, p. 599-633, DOI: 10.1080/10508406.2016.1204547. 2016.

SELIGMANN-SILVA, Edith. **Trabalho e desgaste mental: o direito de ser dono de si mesmo** – São Paulo: Cortez, 2011.

TOASSA, Gisele. Conceito de liberdade em Vigotski. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 24, n. 3, p. 2-11, set. 2004. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932004000300002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 20 fev. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932004000300002>.

TOASSA, Gisele. Conceito de consciência em Vigotski. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 59-83, jun. 2006. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51772006000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 20 fev. 2019.

VASCONCELOS, Renata Campos et al. Aspectos de complexidade do trabalho de coletores de lixo domiciliar: a gestão da variabilidade do trabalho na rua. **Gest. Prod.**, São Carlos, v. 15, n.2, p. 407-419, Ago. 2008.

VILELA, Rodolfo Andrade de Gouveia; QUEROL Marco Antonio Pereira; HURTADO, Sandra Lorena Beltrán; CERVENY, Gislaine Cecília de Oliveira; LOPES, Manoela Gomes

Reis. editors. **Desenvolvimento para a Prevenção de Acidentes e Doenças Relacionadas ao Trabalho: Laboratório de Mudança na Saúde do Trabalhador**, 1 ed. São Paulo: Exlibris, p. 346, 2020.

VIRKKUNEN, Jaakko; NEWNHAM, Denise Shelley. **O Laboratório de Mudança: Uma Ferramenta de Desenvolvimento Colaborativo para o Trabalho e a Educação**. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2015.

VIRKKUNEN, Jaakko; VILELA, Rodolfo Andrade de Gouveia; QUEROL; Marco Antonio Pereira; LOPES, Manoela Gomes Reis. O Laboratório de Mudança como ferramenta para transformação colaborativa de atividades de trabalho: uma entrevista com Jaakko Virkkunen. **Saúde soc.**, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 336-344, Mar. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-12902014000100027>.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **Mind and society**: The development of higher mental processes. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1978.

ANEXO A: APROVAÇÃO DO COEP

USP - FACULDADE DE SAÚDE
PÚBLICA DA UNIVERSIDADE
DE SÃO PAULO - FSP/USP

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: (In)visibilidade na atividade de limpeza pública e seus impactos: Uma aplicação do Laboratório de Mudanças.

Pesquisador: Bianca Gafanhão Bobadilha

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 96246918.3.0000.5421

Instituição Proponente: Faculdade de Saúde Pública USP/SP

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.100.317

Apresentação do Projeto:

Ocupa-se da compreensão dos impactos da (in)visibilidade do trabalho de varrição na saúde das trabalhadoras, visando traçar estratégias para promovê-la.

Objetivo da Pesquisa:

Os objetivos específicos da pesquisa são: I) contribuir para a análise das contradições na atividade advindas da invisibilidade do trabalho e II) promover a construção coletiva de ações para aumentar a visibilidade do trabalho das varredoras, através de intervenções formativas.

Para se atingir os objetivos será realizada coleta de dados etnográficos e análise do acidente assim como será aplicado entrevista semi-estruturada e sessões do laboratório de mudanças.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Risco mínimo

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Esta pesquisa está inserida no projeto temático intitulado Acidente de trabalho: da análise sociotécnica à construção social de mudanças, o qual é subsidiado pela FAPESP (Processo 2012/04721-1).

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Apresenta TCLE e carta de anuência por parte do SIEMACO - Sindicato das Empresas de Asseio e Conservação e Trabalhadores na Limpeza urbana e de Áreas Verdes de Piracicaba e região.

Endereço: Av. Doutor Arnaldo, 715
Bairro: Cerqueira César CEP: 01.245-904
UF: SP Município: SÃO PAULO
Telefone: (11)3061-7779 Fax: (11)3061-7779 E-mail: coep@fsp.usp.br

**USP - FACULDADE DE SAÚDE
PÚBLICA DA UNIVERSIDADE
DE SÃO PAULO - FSP/USP**

Continuação do Parecer: 3.100.317

Recomendações:

Considero a pendência atendida

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Aprovado

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1152424.pdf	24/11/2018 12:11:34		Aceito
Outros	carta_sindicato.pdf	24/11/2018 12:10:27	Blanca Gafanhão Bobadilha	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_invisibilidade.pdf	02/08/2018 15:52:41	Blanca Gafanhão Bobadilha	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_Rosto_CEP.pdf	28/06/2018 07:28:53	Blanca Gafanhão Bobadilha	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_invisibilidade_Limpeza.pdf	28/06/2018 07:28:14	Blanca Gafanhão Bobadilha	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO PAULO, 21 de Dezembro de 2018

Assinado por:
Kelly Polido Kaneshiro Olympio
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Doutor Arnaldo, 715
Bairro: Cerqueira Cesar CEP: 01.246-904
UF: SP Município: SAO PAULO
Telefone: (11)3061-7779 Fax: (11)3061-7779 E-mail: coep@fsp.usp.br

ANEXO B: CARTA DE ANUÊNCIA DO SINDICATO

Piracicaba, 23 de novembro de 2018

TERMO DE COMPROMISSO

Eu, RENATA DE CÁSSIA DE AGUIAR SOUZA, representando o Sindicato dos Empregados em Empresas de Asseio e Conservação e Trabalhadores na Limpeza Urbana e Áreas Verdes de Piracicaba e Região – SIEMACO, firmo, por meio desse documento, parceria com a instituição Universidade de São Paulo para realização de pesquisa utilizando uma metodologia de intervenção formativa denominada Laboratório de Mudança, no período da data vigente até 180 dias, podendo ser renovado caso necessário.

O pesquisador responsável pela pesquisa é o Prof. Dr. Rodolfo Andrade de Gouveia Vilela da Faculdade de Saúde Pública da instituição acima mencionada.

A metodologia foi explicada para representantes da empresa e aprovada, ficando sob nossa responsabilidade colaborar nas etapas de coleta de dados, facilitando o acesso dos pesquisadores aos trabalhadores do setor de limpeza para a realização de entrevistas e observações de campo, assim como nas sessões de análise e planejamento e de acompanhamento, que ocorrerão semanal ou quinzenalmente no horário de contraturno ao de trabalho dos participantes da pesquisa, não comprometendo o horário de trabalho e logística dos trabalhadores. Caso haja necessidade e seja consenso dos trabalhadores, haverá atividades contraturno que também não comprometerão o horário de trabalho.

Estou ciente que as sessões serão conduzidas por um dos pesquisadores do grupo de pesquisa a fim de buscar alternativas para melhoria do sistema de atividades por meio de discussões abertas com os trabalhadores selecionados, visando contribuir para a sustentabilidade sócio ambiental. Essas sessões serão filmadas, assim como serão utilizados equipamentos de vídeo e áudio durante a fase de coleta de dados, que ocorrerá antes e durante as sessões, quando necessário.

Os dados obtidos poderão ser divulgados em meio científico, mantendo a identidade dos participantes e da organização em sigilo. A pesquisa já obteve aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (Protocolo No. 11886113.5.0000.5421 e 96246918.3.0000.5421).

Renata de Cássia A. Souza

SINDICATO DOS EMPREGADOS EM EMPRESAS DE ASSEIO E CONSERVAÇÃO E TRABALHADORES NA LIMPEZA URBANA E ÁREAS VERDES DE PIRACICABA E REGIÃO

Rua José Pinto de Almeida, 773 | Fone: (19) 3417.2377 | Centro | CEP 13419-000 | Piracicaba | SP
C.N.P.J.(M.F.) Nº 02.037.751/0001-08 • e-mail: siemaco@siemacopiracicaba.com.br

CURRÍCULO LATES – PROF. MARCO ANTONIO PEREIRA QUEROL

Currículo do Sistema de Currículos Lattes (Marco Antonio Pereira Querol) <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizaCV.do?id=K4221755Y...>

Marco Antonio Pereira Querol

Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/2231690205762449>

ID Lattes: **2231690205762449**

Última atualização do currículo em 16/01/2020

Possui doutorado em Educação de Adultos / Engenharia de Produção (área Gestão do Conhecimento) pela Universidade de Helsinque, Finlândia (revalidado em Engenharia de Produção pela UFRJ Processo Nº 23079.020788/2012-33); mestrado em Manejo de Conhecimento Agroecológico e Mudanças Sociais pela Universidade de Wageningen, Holanda (2004) e graduação em Engenharia Agrônoma pela Universidade de São Paulo (ESALQ-USP). Atualmente é Professor Adjunto no Departamento de Engenharia Agrônoma da Universidade Federal de Sergipe (UFS), onde ministra as disciplinas: Sociologia Rural, Extensão Rural e Movimentos Sociais. Professor credenciado no Programa de Pós Graduação em Saúde Pública da FSP - USP. Possui interesse de pesquisa nas áreas de Inovação, Sustentabilidade, Aprendizagem Organizacional, Teoria da Atividade (Cultural-Historical Activity Theory) e Metodologias Intervencionistas com ênfase no Laboratório de Mudança (Change Laboratory). (Texto informado pelo autor)

Identificação

Nome	Marco Antonio Pereira Querol
Nome em citações bibliográficas	PEREIRA QUEROL, M. A.; Pereira Querol, Marco; Pereira-Querol, Marco Antonio; QUEROL, MARCO ANTONIO PEREIRA; PEREIRA-QUEROL, MARCO; Querol, Marco Pereira; QUEROL, MARCO ANTÔNIO PEREIRA
Lattes iD	http://lattes.cnpq.br/2231690205762449
Orcid iD	https://orcid.org/0000-0003-3815-1835

Endereço

Endereço Profissional	Universidade Federal de Sergipe, DEA - Departamento de Engenharia Agrônoma. Av. Marechal Rondon s/n Jardim Rosa Elze 49100000 - São Cristóvão, SE - Brasil Telefone: (79) 31946600
-----------------------	--

CURRÍCULO LATES – BIANCA GAFANHÃO BOBADILHA

Curriculo do Sistema de Currículos Lattes (Bianca Gafanhao Bobadilha)

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizaacv.do?id=K85552953U...>

Bianca Gafanhão Bobadilha

Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/3008944806565406>

ID Lattes: 3008944806565406

Última atualização do currículo em 28/01/2020

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo; graduada em Psicologia pela Universidade Federal de São Paulo, realizou iniciação científica subsidiada pela Fapesp na área de saúde do trabalhador. Realizou monitoria dos módulos Psicologia e Desenvolvimento I e II e participou 2 anos do projeto de extensão SAde no grupo de Orientações e Suporte aos cuidadores de idosos com Síndromes Demenciais. (Texto informado pelo autor)

Identificação

Nome

Bianca Gafanhão Bobadilha

Nome em citações bibliográficas

BOBADILHA, B. G.

Lattes iD

<http://lattes.cnpq.br/3008944806565406>

Endereço

Formação acadêmica/titulação

2018	Mestrado em andamento em Saúde Pública (Conceito CAPES 6).
2013 - 2017	Universidade de São Paulo, USP, Brasil. Orientador: Marco Antonio Pereira Querol. Graduação em Psicologia. Universidade Federal de São Paulo, UNIFESP, Brasil. Título: Estresse ocupacional e insônia: Um estudo com servidores públicos. Orientador: Laura Camara Lima.
2010 - 2012	Ensino Médio (2º grau). Fundação Bradesco, BRADESCO, Brasil.